



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA HORTÊNSIAS
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO RURAL E AGROINDUSTRIAL

MARIA LUÍSA PEREIRA LOPES

**A AGRICULTURA FAMILIAR COMO MODO DE (RE)EXISTIR EM NOVA
HARTZ/RS**

SÃO FRANCISCO DE PAULA

2022

MARIA LUÍSA PEREIRA LOPES

**A AGRICULTURA FAMILIAR COMO MODO DE (RE)EXISTIR EM NOVA
HARTZ/RS**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do título no Curso Superior Bacharelado Administração Rural e Agroindustrial da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Binkowski

SÃO FRANCISCO DE PAULA

2022

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

| | |
|-------|---|
| L864a | Lopes, Maria Luísa Pereira |
| | Agricultura familiar como modo de (re)existir em Nova Hartz/RS, A/ Maria Luísa Pereira Lopes. – São Francisco de Paula: Uergs, 2022. |
| | 60 f. |
| | Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Administração Rural e Agroindustrial (Bacharelado), Unidade Hortênsias, 2022. |
| | Orientadora: Prof. ^a Dra. Patrícia Binkowski |
| | 1. Agricultura Familiar. 2. Pertencimento. 3. Resistência. 4. Monografia. I. Binkowski, Patrícia. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Administração Rural e Agroindustrial (Bacharelado), Unidade em São Francisco de Paula, 2022. III. Título. |

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário da Uergs Marcelo Bresolin CRB 10/2136

MARIA LUÍSA PEREIRA LOPES

**A AGRICULTURA FAMILIAR COMO MODO DE (RE)EXISTIR EM NOVA
HARTZ/RS**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do título no Curso Superior Bacharelado Administração Rural e Agroindustrial da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

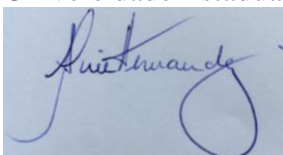
Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Binkowski

Data da aprovação: 06/07/2022

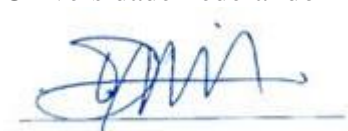
BANCA EXAMINADORA



Dra. Patrícia Binkowski - Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS



Dra. Aline Reis Calvo Hernandez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS



Dr. Marcelo Maisonette Duarte
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

SÃO FRANCISCO DE PAULA

2022

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter proporcionado os acasos que me levaram até à UERGS, Universidade esta que até então eu não conhecia, em uma cidade que eu não conhecia, e em um curso que até então eu não me imaginava fazendo, mas que eu me identifiquei muito e me apaixonei dia após dia.

Agradeço à minha mãe, que é minha maior inspiração de mulher forte, que me incentivou e não mediu esforços para que eu pudesse estudar e aproveitar as melhores experiências que a Universidade Pública poderia me oferecer. Sem ela, não teria sido possível.

Agradeço meu pai e ao meu irmão que por inúmeras vezes, dirigiam quase 140 km para me levar até a Universidade e me esperavam em temperaturas baixíssimas, sem falar da neblina, característica de São Chico.

Agradeço ao meu namorado, e agora marido, por ter sido compreensivo todas as vezes que minha única prioridade era estudar. Me acompanhou até São Chico, ajudou, apoiou e “puxou minha orelha” em dias que eu estava sem foco.

À Helena Lampert, uma completa desconhecida, que abriu as portas de sua casa, para que passando a semana em São Chico, eu pudesse fazer todas as cadeiras que nos eram oferecidas. De desconhecida, passei a ser a filha que ela nunca teve, e este foi um dos presentes que a UERGS me deu.

Aos meus professores, que além das aulas excepcionais, sempre se fizeram disponíveis para sanar dúvidas e nos ajudar no que fosse necessário. Nunca fomos “meros estudantes”, tínhamos nome, personalidade e nossas particularidades e limites reconhecidos. Criamos uma relação singular com cada professor que lecionou para nosso grupo.

Aos meus colegas, que ao longo do curso se tornaram meus amigos, principalmente, aqueles que chegaram comigo à reta final, quando tantos outros ficaram pelo caminho. À Cláudia, à Fernanda, à Lenice e ao Túlio. Espero que nossos caminhos ainda se cruzem, mas mesmo que não aconteça, desejo que sejam felizes e que tenham muito sucesso em todas as áreas de suas vidas.

À minha orientadora Patrícia Binkowski, que vem contribuindo para o meu crescimento acadêmico deste o primeiro dia letivo em 2015. Lembro que em sua

primeira aula, quando nos apresentamos e contei que vinha de Nova Hartz, ela prontamente perguntou se eu precisava de um lugar para ficar, nunca precisei, mas saber que temos com quem contar, não tem preço. Além de tê-la como professora, compartilhamos projetos de pesquisa, e agora, tenho a honra de tê-la como minha orientadora.

Também agradeço à banca de conclusão de curso composta pelos professores Aline Reis Calvo Hernandez e Marcelo Maisonette Duarte.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma na realização deste trabalho, e em todos os outros realizados ao longo do curso.

Às amizades feitas e as experiências compartilhadas.

Obrigada!

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Localização de Nova Hartz/RS..... | 15 |
| Figura 2 - Estrutura do Galpão Fênix, Nova Hartz/RS..... | 26 |
| Figura 3 - Localização das propriedades e localização da Feira..... | 27 |
| Figura 4 - Municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos..... | 30 |
| Figura 5 - Sub-bacia do Arroio Grande e seus tributários, em Nova Hartz/RS..... | 31 |
| Figura 6 - Lavoura de mandioca nos morros em 1930, Nova Hartz/RS..... | 32 |

LISTA DE TABELAS E QUADROS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Produto Interno Bruto de Nova Hartz/RS – de 1999 a 2018..... | 34 |
| Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos agricultores entrevistados..... | 36 |
| Quadro 2 - Principais produtos comercializados pela Feira da Agricultura Familiar de Nova Hartz/RS..... | 41 |
| Quadro 3 - Número de filhos, permanência na propriedade e trabalho familiar..... | 43 |

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

APR - Associação dos Produtores Rurais

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PIB - Produto Interno Bruto

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

RS - Rio Grande do Sul

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

A persistência é o caminho do êxito.

Charles Chaplin

RESUMO

A agricultura familiar esteve presente em Nova Hartz/RS desde o período de colonização, com o processo de industrialização na década de 1950, esta categoria passa a ficar às margens do desenvolvimento regional. Mesmo estando à margem, a agricultura familiar em Nova Hartz ainda resiste, ainda (re)existe. A pergunta norteadora deste trabalho de conclusão de curso é: Quais as percepções dos agricultores participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, em relação aos seus modos de vida, trabalho, sucessão familiar e lugar? Quais os fatores que influenciaram a sua permanência no meio rural? Como objetivo geral tem-se: descrever e analisar as percepções dos agricultores participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, em relação aos seus modos de vida, trabalho, sucessão familiar e lugar e os fatores que influenciaram sua permanência no meio rural. A pesquisa em questão foi elaborada seguindo uma abordagem qualitativa, de tipo exploratória e descritiva, sobre questões que afetam a permanência e (re)existência dos agricultores familiares em Nova Hartz/RS. Como constatações percebemos que os agricultores familiares permaneceram no meio rural em função de 3 fatores principais: 1) o apego e o sentimento de pertença ao lugar; 2) a identificação com a profissão de agricultor/a familiar; 3) tradição e motivação geracional; 4) a capacidade de se organizar; 5) as aprendizagens que emanam das relações com a terra; 6) a escolha de seguir nesse lugar; 7) as críticas ao des/envolvimento; 8) a vida cotidiana, apesar da não sucessão quando os filhos escolhem partir; 9) a realização da feira de comercialização de produtos; e, 10) a renda (superior à da indústria calçadista).

Palavras-chave: Resistência; Pertencimento; Lugar; Agricultura Familiar.

ABSTRACT

Family farming has been present in Nova Hartz/RS since the colonization period, with the industrialization process in the 1950s, this category is left on the margins of regional development. Even being on the sidelines, family farming in Nova Hartz still resists, still (re)exists. The guiding question of this course conclusion work is: What are the perceptions of the farmers participating in the Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, in relation to their ways of life, work, family succession and place? What factors influenced your stay in rural areas? The general objective is: to describe and analyze the perceptions of farmers participating in the Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, in relation to their ways of life, work, family succession and place and the factors that influenced their stay in rural areas. The research in question was elaborated following a qualitative approach, exploratory and descriptive, on issues that affect the permanence and (re)existence of family farmers in Nova Hartz/RS. As findings we noticed that family farmers remained in rural areas due to 3 main factors: 1) attachment and the feeling of belonging to the place; 2) identification with the profession of family farmer; 3) tradition and generational motivation; 4) the ability to organize; 5) the learning that emanates from relations with the land; 6) the choice to continue in that place; 7) criticism of development; 8) the daily work, despite the non-succession when the children choose to leave; 9) the realization of the product commercialization fair; and, 10) income (higher than that of the footwear industry).

Keywords: Resistance; Belonging; Place; Family farming.

RESUMEN

La agricultura familiar está presente en Nova Hartz/RS desde el período de la colonización, con el proceso de industrialización en la década de 1950, esta categoría queda al margen del desarrollo regional. Incluso estando al margen, la agricultura familiar en Nova Hartz todavía resiste, todavía (re)existe. La pregunta orientadora de este trabajo de conclusión del curso es: ¿Cuáles son las percepciones de los agricultores participantes de la Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, en relación a sus formas de vida, trabajo, sucesión familiar y lugar? ¿Qué factores influyeron en su estancia en las zonas rurales? El objetivo general es: describir y analizar las percepciones de los agricultores participantes de la Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, en relación a sus formas de vida, trabajo, sucesión familiar y lugar y los factores que influyeron su estancia en las zonas rurales. La investigación en cuestión fue elaborada siguiendo un enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, sobre cuestiones que afectan la permanencia y (re)existencia de agricultores familiares en Nova Hartz/RS. Como hallazgos notamos que los agricultores familiares permanecieron en las zonas rurales debido a 3 factores principales: 1) apego y sentimiento de pertenencia al lugar; 2) identificación con la profesión de agricultor familiar; 3) tradición y motivación generacional; 4) la capacidad de organizarse; 5) el aprendizaje que emana de las relaciones con la tierra; 6) la elección de continuar en ese lugar; 7) crítica al desarrollo; 8) el trabajo diario, a pesar de la no sucesión cuando los hijos opten por irse; 9) la realización de la feria de comercialización de productos; y, 10) ingreso (superior al de la industria del calzado).

Palabras clave: Resistencia; Pertenencia; Lugar; Agricultura familiar.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2.REFERENCIAL TEÓRICO | 18 |
| 2.1. AGRICULTURA FAMILIAR | 18 |
| 2.2. SUCESSÃO FAMILIAR | 19 |
| 2.3. SENTIMENTO DE PERTENÇA E RELAÇÕES COM O LUGAR..... | 21 |
| 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 25 |
| 4. BREVE HISTÓRICO DA AGRICULTURA EM NOVA HARTZ/RS | 29 |
| 4.1. A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NA REGIÃO DO VALE DOS SINOS, RIO GRANDE DO SUL..... | 29 |
| 4.2. A COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM NOVA HARTZ..... | 31 |
| 4.3. A INDUSTRIALIZAÇÃO EM NOVA HARTZ..... | 34 |
| 5. UM OLHAR SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR, A PARTIR DOS MEMBROS DA FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM NOVA HARTZ | 36 |
| 5.1. PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES..... | 36 |
| 5.2. SUCESSÃO FAMILIAR..... | 43 |
| 5.3. SENTIMENTO DE PERTENÇA - SIGNIFICADO DE LUGAR..... | 45 |
| 5.4. OS PRINCIPAIS ENTRAVES DA AGRICULTURA FAMILIAR..... | 47 |
| 6. ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS | 50 |
| REFERÊNCIAS | 54 |
| APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA | 58 |
| APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...59 | |

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo a agricultura em pequena escala foi vista como antiquada e retrógrada. Isso não só inviabilizou a permanência do agricultor no meio rural, como interferiu no modo em que ele era visto pela sociedade, e como via a si mesmo.

No Brasil somente em 2003 é que as políticas públicas passaram a incluir a categoria agricultor familiar, proporcionando-lhe acesso a crédito, investimento em infraestrutura e equipamentos e novos canais de comercialização. Aqueles que antes eram vistos como “colonos”, atualmente são chamados de agricultores familiares.

Ainda que o termo “agricultura familiar” seja extremamente atual, esta categoria esteve presente em nosso país desde a colonização, recebendo, por exemplo, denominações como camponês, colono ou pequeno produtor. Somente após a nova categorização, é que este ator social passa a ser de fato reconhecido, e ganha visibilidade institucional e na própria sociedade.

O reconhecimento tardio, impactou diretamente nas questões relativas a migração campo-cidade, na socioeconomia familiar e na qualidade de vida do agricultor familiar, pois até então, quando se pensava em desenvolvimento rural, os programas, os projetos e as ações não envolviam estes atores, e por muito tempo, eles viveram a sombra do desenvolvimento.

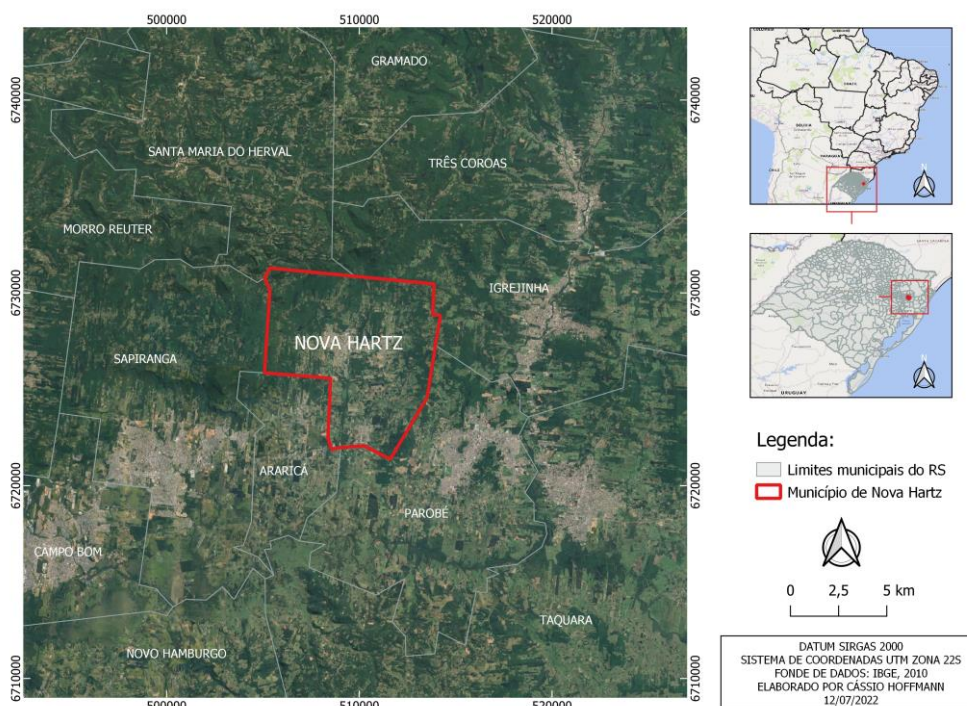
Em nível de Brasil, o agricultor familiar, enquanto categoria, é responsável por produzir grande parte dos alimentos consumidos pela população brasileira, o que por si só, já mostra o quão relevante são estes agentes. Conforme análise feita por Hoffmann (2014) sobre dados do Censo Agropecuário de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a agricultura familiar participou com 83,2% da produção de mandioca, 69,6% da produção de feijão, 33,1% da produção de arroz em casca, 14,0% da produção de soja, 29,7% do número de cabeças de bovinos, 51,2% das aves e 59,0% dos suínos.

Mas, é preciso entender que trabalhar com agricultura familiar, é muito mais do que uma profissão, é um modo de vida, que abrange crenças, organização social, sustentabilidade e formas de manejo. Partindo deste princípio, é possível visualizar a agricultura familiar como grande precursora do desenvolvimento.

Em geral, os agricultores familiares enfrentam, em condições de relativa desvantagem, a concorrência de produtos importados e/ou de grandes produtores que se beneficiaram de subsídios no passado e, que ainda hoje, têm acesso privilegiado aos serviços e canais de comercialização.

No caso do município de Nova Hartz (FIGURA 1), localizado no Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul (RS), mesmo que as atividades agropecuárias não venham a somar muito no Produto Interno Bruto (PIB) do município, e nem correspondam a uma grande produção, ela vem a cumprir um importante papel na preservação ambiental e cultural do lugar, e pode vir a contribuir para o desenvolvimento sustentável com foco no turismo rural.

Figura 1 - Localização de Nova Hartz/RS



Fonte: IBGE, 2010. Elaborado por Cássio Hoffmann (2022).

Portanto, esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem as seguintes perguntas norteadoras (Problema de Pesquisa): Quais as percepções dos agricultores participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, em relação aos seus modos de vida, trabalho, sucessão familiar e lugar? Quais os fatores que influenciaram a sua permanência no meio rural?

O objetivo geral do trabalho é descrever e analisar as percepções dos agricultores participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS, em relação aos seus modos de vida, trabalho, sucessão familiar e lugar e os fatores que influenciaram sua permanência no meio rural.

Como objetivos específicos tem-se: a) Descrever as etapas históricas em relação à produção agrícola no município de Nova Hartz/RS; b) Identificar o número e o perfil das famílias participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS; c) Identificar e analisar as dimensões dos modos de vida, sucessão familiar, trabalho e lugar; e, d) Problematizar o fenômeno sociopolítico de manutenção e/ou permanência dos agricultores na agricultura familiar em um contexto de industrialização como é em Nova Hartz/RS.

Desde o primeiro momento em que pensei sobre o meu Trabalho de Conclusão de Curso desejei que fosse a respeito do município de Nova Hartz/RS, onde sempre morei. Após uma primeira pesquisa documental e bibliográfica, decidi que o mote do TCC seria sobre os agricultores familiares do município, que embora não representassem majoritariamente o perfil socioeconômico local, representavam um modo de vida importantíssimo, muito vinculado ainda à colonização alemã e, que persiste no município desde então. Poder estudar e analisar a questão do pertencimento ao lugar, bem como, os aspectos histórico-culturais envolvidos à agricultura familiar de Nova Hartz, me trouxe enorme satisfação pessoal e acadêmica.

Frequentando o curso de Administração Rural e Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), pude perceber que estudar e trabalhar com a terra e com o ambiente, é uma terapia para quem o faz, e o agricultor dificilmente irá se adaptar a outro espaço, que não seja o seu, o meio rural, mesmo em meio a dificuldades. Para o agricultor familiar que não tem acesso a implementos agrícolas, o processo produtivo ainda é mais penoso, por vezes, o acesso as políticas públicas nem sempre é viável em função da burocracia que as envolve, e por não estarem adaptadas à realidade dos agricultores.

Portanto, ao analisar o município de Nova Hartz, fica evidente que a economia não pode girar somente em torno aos investimentos na indústria calçadista, mas prever incentivos à agricultura familiar local. Assim sendo, este trabalho aborda também sobre como a agricultura familiar no município passou a (re)existir ao longo dos últimos anos,

muito sustentada no pertencimento ao lugar e na preservação da identidade dos agricultores familiares.

O ato de (re)existir, não significa apenas continuar existindo “apesar de” ou resistindo, mas transformando-se no decorrer do tempo e afirmando sua singularidade.

Conforme explica Paim:

Assim, re-existência traz em sua semântica tanto a resistência quanto à existência. Há, pois, um propósito político, mas também ontológico no ato de re-existir. O sujeito opõe-se ao outro, a uma dada situação, não por uma contestação meramente reativa, mas por uma necessidade de se instituir como ser que existe e é capaz de atuar crítico e dialogicamente sobre aquilo que inter-fere sua existência, sobre a sua relação com o contexto, com os outros sujeitos e com os processos por ele vividos. (PAIM, 2012, p. 63).

Acredito que o maior desejo de um pesquisador quando investe tempo e conhecimento na escrita de um texto, é que ele seja compreendido pelo/a leitor/a, seja publicizado alcançando um maior público e possa, sobretudo, intervir no cotidiano social, econômico e político dos territórios. Pretendo, desta forma, levantar questões que vem interferindo diretamente na existência do agricultor familiar de Nova Hartz, portanto, espero que este trabalho acadêmico-científico possa contribuir na construção do pensamento crítico, objetivo principal de minha formação universitária, mas mais do que isso, os resultados possam ajudar de alguma forma no dia a dia dos agricultores. Este TCC apresenta 6 capítulos: após a introdução, o segundo capítulo trata sobre o referencial teórico focando em 3 elementos chaves para esta pesquisa: agricultura familiar, sucessão familiar e sentimento de pertença ao lugar. O capítulo três traz o delineamento metodológico da pesquisa e o quarto capítulo faz um breve histórico sobre a agricultura no município de Nova Hartz/RS por meio de pesquisa documental. O quinto capítulo evidencia os dados coletados por meio de entrevistas e traz algumas análises do empírico pesquisado. E, por fim, o último capítulo traz proposições e articulações possíveis para o horizonte dos agricultores familiares de Nova Hartz e as considerações finais a respeito da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar é uma atividade econômica prevista na legislação brasileira, por meio da Lei nº 11.326/2004, e seus atores principais são os agricultores familiares, segundo a Lei 11.326/2006.

[...] são aqueles que praticam atividades no meio rural, possuem área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família e renda vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento por parentes. Também entram nessa classificação silvicultores, agricultores, extrativistas, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados da reforma agrária. (BRASIL, 2006).

Segundo Schneider:

As formas sociais que atualmente se abrigam sob a denominação de agricultura familiar, em épocas anteriores recebiam outras denominações segundo o contexto regional e a formação histórico-social. A afirmação recente sob a noção de agricultura familiar deveu-se a um movimento sincronizado conjugado por fatores sociais, políticos e intelectuais. Do ponto de vista social, a categoria emergiu como resultante das mobilizações patrocinadas pelo movimento sindical, no início da década de 1990 (especialmente a Contag) que, lentamente vai deixando de lado o discurso de representações dos trabalhadores rurais, até o surgimento de formas de representação que reivindicam especificamente a identidade da agricultura familiar (como é o caso da Fetraf). Em termos político-institucionais a agricultura familiar alcança legitimidade crescente a partir da criação do Pronaf (Decreto 1946, de 28 de junho de 1996) e de uma estrutura específica destinada a operar políticas para este público no interior do Ministério de Desenvolvimento Agrário. No campo intelectual, o reconhecimento começa pelos estudos que buscam definir o universo de estabelecimentos rurais que não contratavam força de trabalho, denominados por isso de familiares, em oposição aos patronais. A partir dessa oposição, ao longo da década de 1990 avançam os estudos e pesquisas que definem a agricultura familiar como aquela que opera a partir da articulação das dimensões trabalho, gestão e propriedade familiar. (SCHNEIDER, 2006, p. 10).

O autor afirma ainda que,

[...] o estudo da agricultura familiar requer uma análise sociológica multidimensional sobre a diversidade das formas sociais familiares, que pode começar pelo estudo da organização do trabalho e da produção e sua relação com a natureza, mas passa pelo entendimento dos mecanismos de construção das estratégias de interação com o ambiente social e econômico e reclama a compreensão dos aspectos culturais e simbólicos que caracterizam as suas relações domésticas (parentesco, gênero etc.) assim como os múltiplos meios de exercício da ação política. (SCHNEIDER, 2006, p. 12).

Para Altafin (2007) é importante o estudo de conceitos de agricultura familiar para que o entendimento da mesma se faça de maneira mais adequada.

Ao buscarmos na literatura as contribuições para a delimitação conceitual da agricultura familiar, encontramos diversas vertentes, dentre as quais destacamos duas: uma que considera que a moderna agricultura familiar é uma nova categoria, gerada no bojo das transformações experimentadas pelas sociedades capitalistas desenvolvidas. E outra que defende ser a agricultura familiar brasileira um conceito em evolução, com significativas raízes históricas. Tendo como foco o caso europeu, a primeira corrente citada considera que não há significado em buscar as origens históricas do conceito, como, por exemplo, estabelecendo uma relação com a agricultura camponesa. (ALTAFIN, 2007, p.1).

Entendimentos acerca de conceitos permitem que essa forma de trabalho e cultivo da terra se mantenha a salvo mesmo com todas as modernizações que o campo possa sofrer de algum modo, outros trabalhos falam sobre as formas de trabalho dentro da agricultura familiar. Altafin (2007) comenta ainda que a cultura das formas de agricultura familiar remete a colonização por parte da Europa, o método de trabalho camponês, daquele que vive do campo para o campo é o que mantém as premissas do trabalho desenvolvido na agricultura familiar. Se ligar àquele local se faz presente no estilo de vida.

Alguns problemas podem ser observados quando se pretende manter a agricultura familiar, como a sucessão geracional e a ligação com o meio com o qual foi estabelecido desde o nascimento, o sentimento de pertença ao local, se não for muito desenvolvido, pode causar danos a essa forma de cultivo da terra.

Schneider (2003) fala sobre as mais variadas formas de se trabalhar dentro da agricultura familiar, ele aborda como as diversas formas de trabalho dentro da agricultura familiar estão presentes atualmente, não obrigando a ficar apenas com atividades agrícolas, mas também por meio de tecnologias e outras formas de trabalho que possibilitem a melhoria do trabalho agrícola. Pensando nisso abordamos as questões que podem impactar na sucessão familiar no tópico a seguir.

2.2. SUCESSÃO FAMILIAR

Entende-se como sucessão familiar quando as propriedades, o controle e a administração passam para um herdeiro. Boessio e Doula (2017) retratam a importância da instituição da sucessão familiar dentro da agricultura. Isso se destaca atualmente devido aos problemas advindos da urbanização, do êxodo rural e da mecanização dos campos. Se observa que os jovens do campo têm migrado para fora do seu território de

nascimento, já que para alguns deles ficar no campo não se torna um atrativo. Nesse caso, a sucessão familiar seria o mais indicado para a preservação da cultura e da forma de cultivo das terras familiares, quando isso não ocorre, a tendência é que parte da história rural se perca.

Um estudo desenvolvido por Brizzolla *et. al.* (2020) ressalta a importância da sucessão familiar/geracional, pois a importância está no cultivo da terra como sendo algo natural à determinada família. Teremos neste estudo, o conceito de sucessão utilizado ao pensar nos cuidados com a terra e os ensinamentos sendo passados de uma geração a outra.

Kischener, Kiyotan e Perondi (2015) abordam alguns fatores que estão presentes em estudos de sucessão geracional. Para estes autores os pontos que levam a modificação da sucessão são: 1) Questão Histórica influenciando diretamente na forma como essas sucessões se decorrem; antigamente as famílias eram detentoras da terra e, por isso hoje, se mantêm os costumes, mesmo que se precise de um respaldo legal. 2) Questão do Gênero, não se afasta muito da cultura atual de que sempre será o homem que assumirá as terras, são raras as ocasiões que a mulher desempenhará esta liderança. 3) Questão da Renda é outro fator que preconiza a sucessão; a idealização de uma renda fixa com direitos trabalhistas está muitas vezes distante do meio rural; os jovens observam que alguns agricultores rurais nem sempre conseguem uma boa renda, devido às intempéries do campo. 4) Questão da Escolaridade muitas vezes fica renegada no campo; o campo normalmente “não precisa de estudo” pois a maior parte do trabalho é braçal e, por isso, a educação fica em segundo plano.

Tais fatores contribuem para que atualmente os jovens sejam influenciados por toda a sociedade e por toda a forma de ofertas vindas do urbano, afetando os projetos de vida destes que se deslocam do campo. O que influenciará diretamente na vida de quem permanecesse no campo/no rural: pais e irmãos.

Bittencourt (2020) demonstra que todos os pontos de vistas são levados em conta quando ocorre a sucessão familiar. Muitos dos jovens se sentem ameaçados devido às dificuldades que são encontradas no campo: muitos destes jovens tornam-se responsáveis pelo sustento e geração de renda familiar, além de terem que organizar/gerar um ambiente sano e de bem-estar familiar.

Antes de tudo, é necessário desmistificar a herança histórica de que a agricultura familiar é basicamente uma agricultura de subsistência, voltada única e exclusivamente para o consumo da família, e quebrar as barreiras que impedem ou dificultam a transformação de um agricultor familiar em um

empreendedor rural. É ainda fundamental buscar estratégias que viabilizem o estabelecimento de diferentes formas de associação por parte dos pequenos produtores. O sucesso nesse empreendimento não só melhoraria a capacidade de eles negociarem compras de insumos, como também criaria a possibilidade de encontrarem mercados mais estáveis para seus produtos. (BITTENCOURT, 2020, p. 09).

A sucessão familiar irá interferir na manutenção e sucesso da agricultura familiar. Bittencourt (2020) comenta que

Na região Sul do País, por exemplo, onde existe uma agricultura familiar mais organizada, o setor gasta muito mais em insumos comprados, dispõe de mais capital e produz muito mais do que seus congêneres em outras regiões. No Sul, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2006, a agricultura familiar consegue obter valor bruto da produção agrícola superior ao da agricultura não familiar – R\$ 1.613,94/ha contra R\$ 792,78/ha, respectivamente. (BITTENCOURT, 2020, p.9).

Estes dados nos auxiliam a evidenciar a importância da sucessão para a manutenção da agricultura familiar, a ligação fundamental para que isso ocorra dependerá do sentimento de pertença àquele determinado território, e quais são as relações que foram geradas com o lugar original, assunto do próximo item, encerrando a seção do referencial teórico.

2.3. SENTIMENTO DE PERTENÇA E RELAÇÕES COM O LUGAR

A construção identitária dos sujeitos é condição fundamental para o reconhecimento de si no coletivo social. Entretanto, numa comunidade, nem sempre os que nela habitam ou trabalham se reconhecem no seu seio. E essa estranheza determina uma dissociação que promove a estagnação ou o retrocesso do lugar, da vila, da cidade, enfim, do “seu” município, que na verdade não é seu. É um lugar estranho a si por não lhe dizer respeito, nada lhe acrescenta ou soma. [...] Sempre é oportuno lembrar que ninguém ama um lugar, se não o conhece. E não irá reconhecê-lo se não souber do seu significado. (BARROSO, 2011, p. 25).

Os artigos de Cristiane Weissheimer (2007), Kátia Ferreira de Oliveira (2009), Simone Manfredini Bender (2007), Vania Inês Avila Priamo (2013) e Letícia Maria Barbosa (2008) foram fundamentais na fase de coleta de dados sobre a história de Nova Hartz e da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Estes textos proporcionaram uma aproximação da história do lugar para o entendimento da pertença dos agricultores familiares. O sentimento de pertença só acontece quando a história de vida e o conhecimento local se conectam.

Na agricultura familiar existe uma aproximação com o lugar, onde se desenvolve o pertencimento local, portanto, se existe este “enraizamento” os jovens tendem a voltar ao local de origem. Este sentimento de pertença também possibilita o jovem/o indivíduo a sair do meio rural em busca de estudo e qualificação, com o intuito de adquirir conhecimento em tecnologias e novas técnicas e retornar à sua família, mantendo e aprimorando a agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1998; SCHNEIDER, 2003).

Tuan (1980) descreve o termo Topofilia, que é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou um ambiente físico. Para Tuan (1980) seria um sentimento difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal, devido aos laços que são criados com o local de origem, muitas das vezes sendo o que gera o sentimento de pertença a determinado lugar.

Para Tuan (1980), o apego à terra do pequeno agricultor, é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. Mas pode-se ir além disso, o agricultor só ganha a vida com ela, porque convive com ela, precisa dela, e respeita seus ciclos.

Já no que diz respeito à identidade, pertencimento e lugar, Callai (2004) enxerga o lugar como um espaço construído a partir do que as pessoas viveram nele, repleto de sentimentos e significações. Os laços emocionais e memórias gerados em um determinado lugar ficam presentes para sempre na história individual, por isso que mesmo que os anos passem, ainda haverá afeto para com o local.

Os sentidos que atribuímos para o mundo ao nosso entorno, e a partir dos quais nos situamos neste mundo, são uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, dentre as suas relações sociais constroem e lidam com situações e fenômenos a sua volta. Dar sentido ao mundo é uma força poderosa na vida em sociedade (SPINK; FREZZA, 2013).

Para a autora Isabel Carvalho (2010), quando reconhecemos o ambiente em que estamos inseridos, adquirimos a capacidade de instituir processos de identificação, crenças e valores éticos, estéticos e morais, deste modo instauramos um horizonte imaginativo. Essa imaginação atravessa a vida social, redefinindo o lugar que habitamos e as nossas relações que com outros organizamos e objetos que formam o mesmo mundo que habitamos (CARVALHO, 2010). Nesta mesma lógica, a produção de sentidos constitui-se em retomar a linha da história, de modo a compreender essa imaginação, essa construção social dos conceitos utilizados para dar sentido ao mundo.

Conforme citado anteriormente, as descrições sobre o mundo estão ligadas diretamente às bases históricas e culturais das pessoas e das comunidades, isto é, a produção dos sentidos na vida cotidiana tende a acontecer a partir da interação entre pessoas nos ambientes em que vivem. Assim, como a autora ainda descreve, o conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem “dentro” de suas cabeças, mas sim algo que constroem juntas em suas interações (CARVALHO, 2010).

Ferreira (2000) descreve que o lugar seria um centro de sentidos imprescindíveis para a formação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, relacionando ao “conceito de lar (*home place*)”. Da mesma forma, Tuan (1983) aponta que cada pessoa experimenta o mundo a sua volta de maneira única, usando sua percepção como guia para suas ações.

Essa relação e suas experiências com o espaço, que permitem a criação do lugar. A criação de um lugar, segundo Tuan (1983), é uma relação de troca entre o ambiente e a pessoa, na interação, vivências, experiências de cheiros, sons, apego e sentidos atribuídos. Conforme Cavalcante e Mourão (2011, p. 212), “a função primária do lugar é a de gerar um senso de pertencimento e de conexão” .

Corroborando com as ideias citadas, Milton Santos (1997) destaca que o lugar propicia uma noção de continuidade e de tempo, simultaneamente, une vivências e expõe possibilidades. “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (SANTOS, 1997, p. 252).

O lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas. As mentes despertam num mundo, mas também em lugares concretos, e o conhecimento local é um modo de consciência baseado no lugar, uma maneira lugar-específica de outorgar sentido ao mundo. (ESCOBAR, 2005, p. 02).

Tuan (1979) enfatiza o lugar em sua obra:

[...] o lugar é constituído a partir da experiência que temos do mundo, isto é, o lugar é definido através das práticas cotidianas, de onde emergem os sentidos, que damos ao mundo. [...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p. 387).

Estes são os principais autores que embasarão esta pesquisa. A partir de suas descobertas e concepções, o resultado das entrevistas e reflexões sobre o assunto, almeja-se ilustrar com fidelidade, a realidade do agricultor familiar em Nova Hartz/RS.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão foi elaborada seguindo uma abordagem qualitativa, de tipo exploratória e descritiva, sobre questões que afetam a permanência e (re)existência dos agricultores familiares em Nova Hartz/RS, bem como, um estudo de caso, uma vez que irá analisar uma amostra em específico.

Na abordagem qualitativa, entretanto, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala. Para atingir este objetivo, o entrevistador assume um papel menos diretivo para favorecer o diálogo mais aberto com o entrevistado e fazer emergir novos aspectos significativos sobre o tema. (FRASER; GONDIM, 2004, p. 08).

Como afirma Gil (1987), o estudo exploratório visa aprimorar as ideias e concepções, bem como identificar algumas histórias e tendências.

O estudo descritivo por sua vez, tem a intenção de proporcionar maior familiaridade com a problemática.

A primeira etapa deste trabalho foi a revisão bibliográfica, realizada no segundo semestre de 2021, e então a partir da leitura de trabalhos científicos já publicados sobre Nova Hartz, pude ter mais clareza sobre o tema a ser pesquisado.

Portanto, como pesquisa decidi trabalhar com a temática/problemática da (re)existência da agricultura familiar em Nova Hartz/RS, um município considerado bastante urbanizado. Após algumas visitas à EMATER para entender melhor como se distribuía a agricultura pelo município, escolhi como público alvo, os agricultores familiares que já estavam organizados enquanto grupo, na Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz e faziam parte da Feira da Agricultura Familiar.

A Associação de Produtores Rurais conta com 20 membros, mas entre eles, têm-se alguns que não tem a agricultura como principal fonte de renda, e a encaram mais como atividade complementar e alguns aposentados também, por isso escolhi delimitar esta pesquisa, aos agricultores/associados que participam ativamente da Feira do Agricultor Familiar.

Estando organizados enquanto Associação, os agricultores têm mais voz e visibilidade, e isso acaba contribuindo no que tange a resistência. Enquanto grupo, conseguem unir forças em suas reivindicações, o que também não é tarefa fácil, uma

vez que é necessário haver um comum entendimento e concordância a respeito delas. A respeito disso, Schlosser (2011) diz o seguinte:

A mobilização de forças socialmente ativas de camponeses, consumidores, pesquisadores, representantes públicos consolida a identidade camponesa, estimula dinâmicas de disputa pelo território ou, melhor, legitima o direito ao território e faz frente à desterritorialização promovida pelo agronegócio. A autonomia camponesa (“agricultores territoriais”) e a formação de redes sociais, desvinculadas da dependente racionalidade material, converge na gestão/tradução de projetos próprios/locais, éticos, estratégicos, fundados na sociabilidade/resistência, balizados em métodos de manejo criativos e eficientes na gestão dos agrossistemas, que atende às necessidades humanas, conserva e melhora os recursos naturais, economicamente viáveis e socialmente justos. (SCHLOSSER, 2011, p.116).

Cabe salientar que mesmo que a Associação se denomine de “Produtores Rurais”, irei me referir à “agricultores familiares” neste trabalho, por seguir a identificação que os próprios entrevistados se apresentaram a mim, por se basearem estritamente em mão de obra familiar. Os próprios órgãos da Prefeitura Municipal, como a Secretaria de Agricultura também se referem aos agricultores como “Agricultores Familiares”.

A Feira da Agricultura Familiar de Nova Hartz, até o momento em que a pesquisa de campo foi realizada em janeiro de 2020, contava com 7 famílias de agricultores. Estes, comercializam seus produtos no Galpão Fênix, localizado no bairro Centro, de terças a sábados, e desde 2021, também comercializam, uma vez por mês, na nova Rua Coberta, também localizada no bairro Centro.

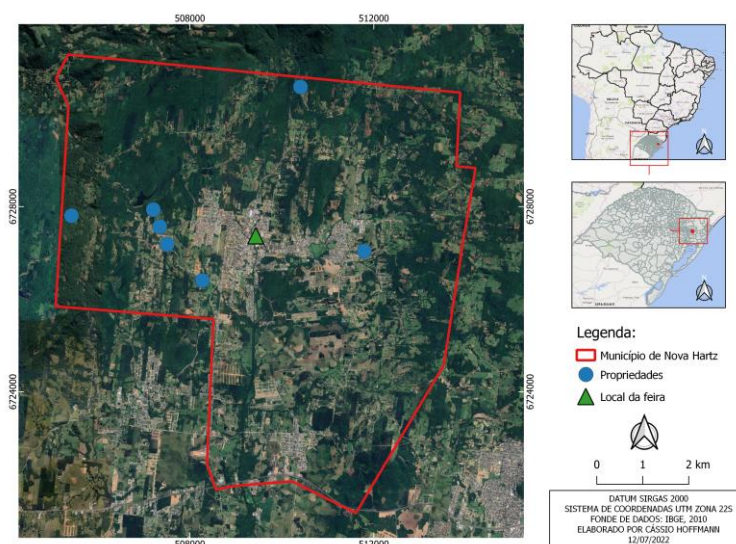
Figura 2 - Estrutura do Galpão Fênix, Nova Hartz/RS



Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Hartz (2022).

A Feira dos Agricultores Familiares existe há cerca de 30 anos, e só posteriormente é que a Associação foi criada, no ano de 2009, por uma solicitação da Prefeitura Municipal, pois, conforme informado por um dos agricultores entrevistados, na época os agricultores estavam plantando e vendendo pepinos para fora do município, e para que a prefeitura pudesse os ajudar com o escoamento da produção, seria necessário possuírem uma Associação. A Feira comercializa pães, cucas, frutas, verduras e outros produtos coloniais. Em Nova Hartz, a maior parte das propriedades rurais que fazem agricultura, estão localizadas nos bairros Arroio da Bica e Canudos, mas um dos agricultores entrevistados, está localizado no bairro Imigrante (FIGURA 3).

Figura 3 - Localização das propriedades e localização da Feira



Fonte: IBGE, 2010. Elaborado por Cássio Hoffmann (2022).

Vale ressaltar que eu morei e cresci no bairro Arroio da Bica, e sempre fui fascinada pela beleza do lugar, e pela ruralidade que ali ainda existia. Nunca me conformei, por assim dizer, com o fato de haver uma Atafona¹, praticamente abandonada, ao lado de minha casa. Pensava o quão interessante seria, poder conhecer a história do lugar, e ver na prática, como se dava o sustento das famílias com a produção de farinha de mandioca, e também, mantendo vivas inúmeras questões culturais. Outro ponto que me fez refletir sobre a “permanência do agricultor no município”, foi ver as

¹ Alguns autores utilizam o termo “atafona” para moinhos movidos a tração animal, e azenha para moinhos movidos com a força da água, de roda vertical e eixo horizontal. Entretanto, na região do Vale dos Sinos, “atafona” refere-se às agroindústrias familiares de farinha de mandioca, e a fim de preservar essa tradição conceitual, bem como, a identidade cultural, segue-se definindo-as assim.

propriedades rurais, onde antes tinham criações de gado e roças de milho, se tornando bairros urbanizados e loteamentos, ou seja, toda aquela paisagem rural, se tornando urbana.

Assim, dei continuidade à pesquisa e iniciei a “segunda etapa da pesquisa”, que foi a de levantamento de dados com organização de um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, a ser aplicado aos 7 agricultores familiares participantes da Feira do Agricultor Familiar, da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz (**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**).

Na entrevista semiestruturada, o entrevistador usa um roteiro para a entrevista, sendo flexível em sair do roteiro para que o entrevistado possa discorrer subjetivamente sobre a questão colocada (LÜDKE e ANDRÉ, 2004). As entrevistas foram realizadas em dias de feira, a fim de já identificar também a relação dos agricultores com os consumidores, e em alguns dos casos, a entrevista se deu na propriedade dos agricultores. As entrevistas foram gravadas em um gravador e, posteriormente, degavadas e transcritas. As entrevistas foram realizadas nas seguintes datas: 20/01/2020, 23/01/2020, e 29/01/2020. A terceira etapa, ocorreu com a sistematização e análise de dados; e a última etapa, a redação do TCC e a banca de defesa.

4. BREVE HISTÓRICO DA AGRICULTURA EM NOVA HARTZ/RS

4.1 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NA REGIÃO DO VALE DOS SINOS, RIO GRANDE DO SUL

Manfredini (2007) afirma que o primeiro projeto desenvolvimentista da Região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, se deu no final do século XVIII, mais precisamente no ano de 1788, quando a Coroa Portuguesa instalou a Real Feitoria do Linho Cânhamo no Faxinal do Courita (hoje município de São Leopoldo). A produção do linho cânhamo se dava através de mão de obra escrava, de negros africanos e açorianos. Portanto, sabe-se que o território em questão já era ocupado anteriormente à vinda dos imigrantes alemães. Com o término das atividades da Feitoria, acredita-se que estes negros tenham permanecido na Província, contribuindo no processo de colonização, e construção da antiga colônia de São Leopoldo.

A colonização alemã ocorreu a partir de julho de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães na província de São Leopoldo. Estima-se que em 6 anos, aproximadamente 4.856 imigrantes tenham desembarcado no RS rumo a esta localidade, atraídos pela promessa de um vasto território de terras férteis, ainda pouco explorado. Em princípio produziam alimentos apenas para subsistência, e conforme os grupos sociais iam se organizando no território, novas atividades iam surgindo, como a manufatura de produtos agrícolas. A localidade de São Leopoldo era privilegiada por ser banhada pelo Rio do Sinos, que facilitava a comercialização e o transporte das mercadorias até Porto Alegre. A Figura 4 ilustra a Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.

Figura 4 - Municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos



Fonte: Olhar Campo Bom (2018)².

Em 1937 é criado um decreto que veio revolucionar a economia local, através da Lei nº 26 que instituiu o Serviço de Fiscalização do Comércio de Farinhas. Através dele, o Governo da República estabelece a regra de que a farinha de trigo comercializada deveria ser composta de 70% de trigo e 30% de sucedâneos (geralmente a farinha da raspa da mandioca), considerando que as terras do Vale dos Sinos são arenosas, propícias para o cultivo de mandioca, as cidades do Vale passam a desempenhar um importante papel na região através do trabalho nas atafonas. Cabe ressaltar que em 1940 houve uma queda na produção de farinha de trigo, e é neste contexto que a farinha de mandioca vem a ganhar um novo *status*.

De acordo com informações divulgadas pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, citado por Oliveira (2009):

[...] em 1924, dos 604 moinhos de mandioca em operação no Estado, 441 estavam em colônias alemãs. A predominância é mais forte na indústria do couro, que ainda hoje se mantém como a principal atividade no Vale dos Sinos. Há 66 anos, dos 837 curtumes gaúchos, 700 eram de alemães, enquanto 55% da produção de calçados também se dava em empresas de proprietários germânicos. (OLIVEIRA, 2009, p.36).

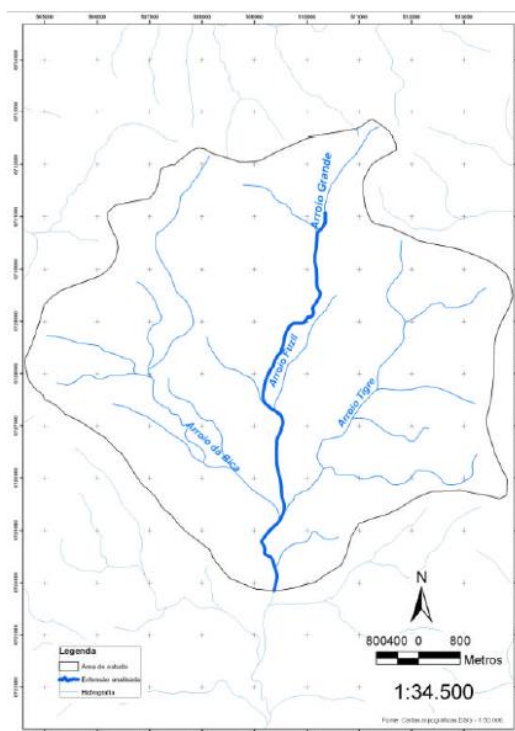
² Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/578484-rio-dos-sinos-e-sua-agonia-somente-a-gestao-compartilhada-pode-salva-lo-entrevista-especial-com-oscar-gilberto-escher>

4.2 A COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM NOVA HARTZ

Segundo o genealogista Ernani Haag (*apud* OLIVEIRA, 2009), em 1826 o transatlântico Der Kranich trouxe imigrantes alemães para se estabelecerem em São Leopoldo (RS), entre eles estavam Wilhelm Hartz e sua família.

Com o fim da Revolução Farroupilha após 1845, a colonização das terras que estava a passos lentos, volta com “todo vapor”. Tristão Monteiro coloca à venda lotes coloniais na Fazenda Mundo Novo, localizada a esquerda do Arroio Grande afluente do Rio dos Sinos, este, corta o atual município de Nova Hartz (sentido Norte/Sul), enquanto Johann Peter Schmidt e seu sócio Kraemer vendiam lotes à direita do Arroio Grande, pertencentes a Fazenda Padre Eterno. O Arroio Grande também era um delimitador entre os municípios de São Leopoldo e Taquara, dos quais este território fazia parte antes de sua emancipação.

Figura 5 - Sub-bacia do Arroio Grande e seus tributários, em Nova Hartz/RS



Fonte: GEOFEPAM (2007) *apud* Weissheimer (2007).

Em meados de 1850, três dos filhos de Wilhelm Hartz, já casados, adquiriram lotes da Fazenda Mundo Novo, iniciando uma nova comunidade que viria a ser chamada de Picada Hartz (Apenas em 1987, através da Lei Estadual nº 8.429 é que é

criado o município de Nova Hartz). Em 1855, a família Haag instala-se nos lotes da Colônia da Bica, à direita do Arroio Grande, que por sua vez, virá a ser chamada de Arroio da Bica, por causa do arroio de mesmo nome que passa pelo local.

Sítios Arqueológicos indicam que anteriormente este território já vinha sendo ocupado por indígenas caçadores-coletores, e por isso, acredita-se que o cultivo de mandioca na região já estivera presente muito antes da vinda dos imigrantes, mas quanto a isso, pouco se sabe (OLIVEIRA, 2009). A primeira base econômica da nova colônia de imigrantes, se dá através da agricultura familiar, havendo também colonos com atividades secundárias como ferreiros, funileiros, marceneiros, sapateiros, entre outros.

O solo arenoso da localidade era propício para o cultivo de mandioca e, logo, nas encostas dos morros as matas iam sendo derrubadas para a implantação de lavouras. Em 1910 surge as primeiras atafonas, primeiramente movidas a tração animal e a partir de 1933 passa a utilizar a força d'água como energia impulsionadora para os moinhos. Cultivavam a mandioca mansa para consumo doméstico, e a mandioca brava para a alimentação do gado de leite e para a produção de farinha (por ela ter mais polvilho em sua composição e resultar em uma farinha de melhor qualidade).

Figura 6 - Lavoura de mandioca nos morros em 1930, Nova Hartz/RS



Fonte: Weissheimer (2009).

As atafonas eram construídas junto ou próximas às moradias, pois o trabalho era intenso, e envolvia toda a família no processo de produção, inclusive crianças. As moradias por sua vez, assim como as atafonas, eram próximas aos arroios. Estima-se que na sub-bacia do Arroio Grande, estabeleceram-se cerca de 66 atafonas. E estas, foram precursoras do desenvolvimento local durante décadas.

Inicialmente a produção era escoada através do Rio dos Sinos, para Porto Alegre e São Paulo, e chegava até mesmo a ser exportada. A partir de 1903, a produção passou a ser despachada via trem à vapor que passava pela região. Este período inclusive, é marcado pelo desmatamento, pois os moradores passaram a cortar as matas nativas para fazer carvão. Este era usado como combustível dos trens a vapor. Além disso, madeiras nobres eram usadas na construção das atafonas e também servia de matéria prima para o solado dos tamancos. Devido ao intenso desmatamento nesta época, começam a ocorrer as primeiras enchentes na cidade, a de 1943, foi uma das que ficou na memória dos moradores da antiga Picada Hartz, por ter sido devastadora.

Conforme as leis ambientais vão surgindo no Brasil e vão sendo cobradas com maior fiscalização, as práticas locais vão sendo remodeladas. Passa a ser proibido usar madeira das matas nativas nas atafonas, o que inviabiliza até certo ponto o funcionamento destas, uma vez que outras madeiras não tem a mesma resistência e durabilidade. Bem como, a água com resíduos de mandioca, advindos das agroindústrias, deve ser alocada em um açude próprio para tal finalidade, a fim de preservar os arroios e nascentes (WEISSHEIMER, 2007).

O trecho ferroviário é desativado em 1964, e então passa-se a utilizar caminhões como meio de escoamento da produção de mandioca. Todavia, a partir de 1950 o número de atafonas ativas na Picada Hartz começa a diminuir drasticamente com o advento da energia elétrica.

Algumas atafonas passam a ser movidas através da energia elétrica. Aqueles que tiveram condições financeiras de acompanhar o “progresso” seguiram produzindo, introduzindo maquinário agrícola nas lavouras e tornando o processo menos penoso, e os produtores mais pobres, aos poucos foram fechando as suas agroindústrias, e então, vendendo a mandioca para os grandes produtores.

A Atafona e Moinho Henkel, foco de estudo de Kátia Ferreira Oliveira (2009), foi uma das poucas, ou a única, que chegou ao século XXI em pleno funcionamento, produzindo farinha de mandioca, farinha de milho, e arroz (descasque – utilizado apenas

para o consumo da família). Esta atafona inclusive, ao findar suas atividades, utilizava a farinha de mandioca na fabricação do “Boa noite”, um veneno para mosquitos em espiral. A Atafona e Moinho Henkel, encerrou suas atividades em 2005, após mais de 100 anos de funcionamento.

4.3 A INDUSTRIALIZAÇÃO EM NOVA HARTZ

A produção de farinha de mandioca começa a ser afetada por questões econômicas, comerciais, tecnológicas, ambientais e fundiárias, e aos poucos vai deixando de ser rentável. A população local passa a se mobilizar a fim de encontrar um novo nicho de mercado. Os imigrantes europeus que sabiam muito bem manusear o couro e conheciam eximamente as técnicas de curtimento e manufatura de artefatos de costura passam a fabricar calçados. Alguns produtores que gozavam de maior credibilidade popular, fundaram a primeira empresa calçadista do município de Picada Hartz em 1954. Em seguida, muitas outras fábricas foram surgindo. A empresa Ramarim, por exemplo, foi fundada em 1962, e a Via Marte em 1977, estas, são referência no mercado ainda hoje.

A região do Vale dos Sinos recebia isenções e incentivos através do governo da época, a fim de desenvolver a produção, comercialização e exportação de calçados. Conforme novas técnicas vão sendo desenvolvidas, a necessidade de mão de obra torna-se emergente, e as empresas divulgam vagas em outras cidades gaúchas e catarinenses.

A expansão da indústria não só traz trabalhadores de outras localidades, como ocasiona um forte êxodo rural. As primeiras indústrias calçadistas foram criadas por agricultores de colonização alemã, que por saberem manusear o couro bovino, viram na produção de calçado uma alternativa de agregar renda. Este foi certamente um grande salto para a economia local. Na Tabela 1 é possível visualizar a relevância da industrialização para a economia do município.

Tabela 1 - Produto Interno Bruto de Nova Hartz/RS – de 1999 a 2018

| PRODUTO INTERNO BRUTO (R\$) | | | | | |
|------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| ATIVIDADE | ANO | | | | |
| | 1999 | 2003 | 2008 | 2013 | 2018 |
| Agropecuária | 1.377,00 | 2.125,00 | 2.140,00 | 1.959,00 | 2.308,68 |
| Indústria | 67.737,00 | 96.656,00 | 126.593,00 | 365.396,00 | 312.343,13 |

Fonte: Adaptado pela autora de IBGE (2022).

Atualmente, Nova Hartz é sede de três grandes empresas de calçados femininos: Calçados Sandra, Calçados Via Marte e Calçados Ramarim. Mas além destas empresas, têm-se diversos atelieres de corte e costura e metalúrgicas que prestam serviços a elas, e também atelieres de produção própria. Todas estas empresas, grandes ou pequenas, contribuem para que o PIB gerado pela indústria no município venha a ser tão expressivo, principalmente quando comparado à agropecuária.

5. UM OLHAR SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR, A PARTIR DOS MEMBROS DA FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM NOVA HARTZ/RS

Com a chegada das indústrias calçadistas em Nova Hartz, as práticas culturais e econômicas passaram por algumas transformações, e a paisagem rural foi aos poucos sendo substituída pela urbana.

A agricultura familiar em Nova Hartz vem resistindo aos traços da urbanização, bem como, da industrialização. Segundo Zimmermann (2019):

É na luta, na resistência, na contradição, que acontecem as possíveis transformações. Neste sentido, a história humana depende também da organização de fatores subjetivos, de decisões e de escolhas, processos que comportam alternativas e dependem de iniciativas pessoais e coletivas, às quais um território epistemológico passa a ser condição de re-existência. (ZIMMERMANN, 2019, p. 51).

Apresentaremos nesta seção os dados e análises sobre as entrevistas realizadas com as famílias de agricultores familiares, participantes da Feira do Agricultor Familiar, da APR de Nova Hartz/RS, tais dados trazem informações sobre a sociodemografia, caracterização das propriedades rurais, economia, mudanças na paisagem, sucessão familiar entre outros temas.

5.1 PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES

O Quadro 1 apresenta algumas características sociodemográficas e sobre as propriedades rurais pertencentes aos agricultores entrevistados, participantes da Feira da Agricultura Familiar da APR de Nova Hartz/RS.

Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos agricultores entrevistados

| Entrevistado/a Agricultor/a | Idade (anos) | Sexo * | Escolaridade | Etnia | Propriedade (ha) | Grupo Familiar** (n° pessoas) | Tempo de moradia (anos) |
|--------------------------------|-----------------|-----------|---------------|---------------------|---------------------|-------------------------------------|-------------------------------|
| 1 | 74 | M | 5º série | Alemã | 7,6 | 13*** | 71 |
| 2 | 64 | F | 8º série | Alemã | 11 | 2 | 12 |
| 3 | 56 | M | 5ª série | Alemã | 15 | 3 | 23 |
| 4 | 56 | F | 6ª série | Alemã | 20 | 4 | 26 |
| 5 | 58 | F | 5ª série | Brasileira | 3,4 | 2 | 16 |
| 6 | 45 | F | 6ª série | Alemã + italiana | 2 | 3 | 9 |
| 7 | 50 | M | 2º grau comp. | Italiana | 2,7 | 4 | 14 |

*Sexo – Feminino (F); Masculino (M). ** n° de membros contando com o entrevistado/a *** Em 4 moradias diferentes.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Da leitura do quadro 1 é possível ressaltar as seguintes informações:

- Dos 7 agricultores, 3 são homens e 4 mulheres.
- A média de idade dos agricultores fica em torno de 57 anos.
- Apenas 2 agricultores têm entre 45 e 50 anos.
- A maioria dos agricultores tem escolaridade até a 5ª série. Importante comentar que eles mesmo comentaram sobre a escolaridade, portanto, utilizaram a forma antiga e “5ª série”, que atualmente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2019) equivale ao 6º ano.

- Apenas 1 agricultora tem o ensino médio completo (“2º grau completo”).

- 4 dos agricultores dizem ter etnia Alemã, enquanto uma indica ter etnia brasileira, um Italiana e uma, Alemã+Italiana.

- O tamanho das propriedades rurais varia de 2 hectares (ha) a 20 ha. Quanto ao tamanho da propriedade, também é importante ressaltar que contam com grande parte em mata nativa (mas, os agricultores não souberam dizer ao certo quanto para que eu pudesse especificar).

- O grupo familiar considera o número de pessoas residindo na propriedade rural, variando 2 a 4 pessoas em 6 das propriedades, com exceção apenas da família 1, onde vivem 13 pessoas e devemos considerar que são 4 moradias dentro de uma mesma propriedade.

- O agricultor com maior idade (74 anos) é o mesmo que vive há mais tempo no lugar, há 71 anos.

- A agricultora mais jovem, também é a que vive há menos tempo no local, 9 anos.

Vale aqui detalhar um pouco mais sobre o perfil de cada agricultor/a participante da Feira da Agricultura Familiar:

Agricultor 1, tem sua propriedade localizada no bairro Arroio da Bica, com 7,6 hectares. Plantações de Aipim, Cana-de-açúcar, Milho e Hortigranjeiros. Comercializa na feira estes plantios, junto a linguças, pães e embutidos. Vive na propriedade com a esposa. Tem 3 filhos residindo na mesma propriedade, mas cada um com sua casa própria.

Agricultora 2, tem sua propriedade localizada no bairro Imigrante, com 11 hectares, com plantios de Milho, Feijão, Batata e Hortigranjeiros; tem criação de gado (vacas leiteiras), e comercializa na feira, além do plantio, também o queijo. Vive na propriedade com o seu esposo.

Agricultor 3, tem sua propriedade localizada em Arroio da Bica, com 15 hectares, tem plantio de Hortigranjeiros e os comercializa na feira junto com a produção de pães. Vive na propriedade com a esposa e uma filha.

Agricultora 4, tem sua propriedade localizada em Canudos, com 20 hectares, tem plantio de Hortigranjeiros e criação de gado (vacas leiteiras), e comercializa na feira, além do plantio, queijos e panificações. Vive na propriedade com o esposo e seus dois filhos.

Agricultora 5, tem sua propriedade localizada em Canudos, com 3,4 hectares, tem plantio de milho, feijão, aipim, arroz e verduras, e criação de vacas. Comercializa na feira estes plantios, junto ao queijo e as panificações. Vive na propriedade com o seu esposo.

Agricultora 6, tem sua propriedade localizada em Arroio da Bica, com 2 hectares, tem plantio de Hortigranjeiros e criação de abelhas. Comercializa na feira as plantações e o mel. Vive na propriedade com o seu esposo e um filho.

Agricultor 7, tem sua propriedade localizada em Arroio da Bica, com 2,7 hectares, tem plantio de Bananas, e criação de abelhas e galinhas. Comercializa na feira Bananas, mel, ovos e panificações. Vive na propriedade com a sua esposa e seus dois filhos.

Os agricultores foram perguntados sobre a concepção de ser agricultor, e enquanto traziam significado a sua profissão, a topofilia também era explícita, pois ser agricultor, é estabelecer uma relação com a terra, e sentir o seu pulsar. As respostas foram as seguintes:

Agricultor é aquele que gosta da terra, quer cultivar ela da melhor maneira, pra não agredir ela, e assim por diante, porque tem muitos fatores. Tu pode querer ser só explorador da terra, ou tu tem que dar ajuda nela também, porque ela precisa do auxílio do próprio agricultor. Os dois tem que se comunicar. O agricultor tem que enxergar o que que precisa na terra, pra ela dar o retorno. (Agricultor 1).

Aquele que trabalha na terra, cuida e produz. (Agricultora 2).

Hoje pra mim ser agricultor, é um orgulho, hoje né? Já não sou mais uma pessoa nova, mas quando eu fui mais novo assim, era mesmo o contrário que é hoje. Por isso que ninguém fica na roça. Os jovens assim, eles não se sentem bem, infelizmente é assim. Hoje eu me sinto bem, porque as coisas

também mudaram. Há uns anos atrás era pouco valorizado os produtos dos agricultores. Hoje é valorizado mais, tem mais valor, melhorou! Hoje comparando, a minha esposa trabalha na firma de calçados e eu tiro umas quantas vezes a mais, eu sozinho, do que ela. E uns anos atrás era o contrário, melhorou! (Agricultor 3).

Ah, eu gosto do que eu faço! Senão nem tava lá em cima, se não tivesse gostando. E se não tem agricultora, o que que vai ter pra comer? Os da cidade, não tem o que, tudo é entorno. Se tem serviço na cidade, tem serviço na agricultura, tudo é um vínculo. (Agricultora 4).

Eu tenho o maior orgulho! Eu tô comendo uma coisa que eu sei, uma coisa saudável, que eu posso passar pros meus filhos. Uma coisa que eu sei que não tem veneno. Uma coisa que a gente tá plantando, então eu pra mim tenho o maior orgulho de poder fazer isso ali. (Agricultora 5).

Eu me orgulho de ser agricultora, sabe? Me orgulho, porque é um serviço mais forçado, mais pesado, tá chovendo, não tá chovendo, tu tem que ir lá, tem que tratar a criação, ou o sol, então eu me orgulho disso! (Agricultora 6).

Um agricultor é tudo! Sem um agricultor não adianta ter emprego na cidade, se não tem os agricultores né? Vão comer o que? Essa que é a minha concepção, eu me sinto muito feliz. (Agricultor 7).

Segundo as respostas relatadas pelos agricultores, ser agricultor perpassa em primeiro lugar pelo apego à terra, uma relação de conexão e cuidado, de orgulho e valorização, mas ao mesmo tempo se remetem ao trabalho como árduo e, por vezes, pesado.

O tema debatido anteriormente está estritamente ligado ao próximo, que são as escolhas desses agricultores por realizar o manejo da terra, da reprodução social e familiar por meio do trabalho na agricultura. Vale a pena reproduzir alguns trechos dos relatos dos agricultores³:

Pai (Agricultor 1): Porque a gente aprendeu ela [agricultura] desde pequeno, no convívio. Aí depois eu fui me afastar pra ver como era, uma coisa diferente, porque a gente achava assim que ela [a agricultura] não te dava muito retorno, não dava o sustento, porque daí era o auge naquela época era o calçado, [...] daí eu senti que ali não era o meu meio.

Filha: Claro, tem os prós e os contras. Tem vezes que dá vontade de chorar, que tu tem as perdas.

Pai (Agricultor 1): Nós aqui gostaríamos de ter plantado mais, mas se a friagem não deixa plantar, o que que tu vai fazer?

Filha: Dá vontade de chorar, investi, gastei e não deu. Tá, mas não deu agora, vamos de novo fazer, que no próximo vai dar. Mas tu que faz o teu horário, tu controla as tuas coisas também, consegue manejar isso.

Pai (Agricultor 1): E se tu investiu em alguma coisa pra fertilizar a terra, aquilo não foi fora, porque vai se manter igual dentro dela, de uma ou outra maneira, alguém agradece.

³ Importante relatar que as entrevistas eram marcadas diretamente com os agricultores/as que estavam na Feira da Agricultura Familiar, porém, quando chegava às suas casas ou ao lugar marcado para a entrevista, toda a família participava, alguns opinavam e outros só escutavam. Esse foi o caso do Agricultor 1, onde a Filha esteve bastante ativa e contribuindo para a entrevista.

Eu escolhi trabalhar com agricultura, porque naquele meu tempo não tinha outro meio, não tinha outra opção. Estudar naquele tempo... o segundo grau tinha que pagar tudo e meu pai não tinha condições. Aí começa a namorar, quando vê, casa, aí já era! Eu fiz da quinta à oitava série depois de casada, porque eu tinha muita vontade de estudar. (Agricultora 2).

Quando eu era novo eu trabalhava na agricultura porque não tinha outra saída, eu era obrigado a trabalhar. Depois quando eu fui pra fábrica e voltei pra cá, voltei pra cá porque deu um desemprego muito grande na firma de calçados em 96. Muitas firmas fecharam. Daí eu vim pra cá, por causa disso e pra cuidar do meu pai. O porquê escolher Nova Hartz? Porque eu tenho minhas raízes aqui né? Gosto do lugar aqui. Se for pra trabalhar na agricultura, jamais penso em trabalhar num outro lugar. (Agricultor 3).

Porque a fábrica, eu já tinha que chega. Já trabalhei meus 30 anos, e agora eu pensei em trabalhar mais livre. Dentro de uma fábrica é trabalhar preso. E assim é livre! Bem outro, tu se sente melhor, mais livre, mais à vontade. Não tem aquela cobrança, tem que trabalhar. Se tu não trabalha não vai ter nada, retorno né? No mais assim, sei lá, eu gosto! (Agricultora 4).

Porque não tinha estudo, e é uma coisa que eu sei fazer. Fui criada naquilo ali e a panificação a mesma coisa, a gente aprendeu com a mãe. A gente nunca acostumou morar na cidade. (Agricultora 5).

Eu trabalhava na fábrica, mas sempre tinha aquilo de lidar com a natureza, de lidar com a terra, plantar verdura. Isso foi uma coisa que eu gerei da minha mãe. Sempre eu vi ela colher tomate, repolho de monte quando eu era criança, só que daí eles não vendiam, porque eles não tinham como negociar, era longe, assim, interior. Mas daí ela repartia, repartia pra tudo os vizinho. Mandava um cestinho pra cada um, desde ervilha, sabe? O pessoal ia lá em casa colher, com cestinho, sabe? Então agora ainda, quando eu tô colhendo lá as verduras. Eu me lembro, falo pra eles da minha mãe, que sempre fazia isso: “ah, minha mãe plantava e colhia tanta coisa bonita, assim”. [...] eu gosto de lidar na natureza. (Agricultora 6).

Eu nasci no meio rural [...], foi o meu gosto trabalhar na terra. Eu gosto disso! (Agricultor 7).

Fica evidente que os agricultores trazem na memória as dificuldades que a agricultura, enquanto atividade econômica, lhes impõe seja em função das condições precárias de infraestrutura, da falta de investimento e capital ou dos fenômenos naturais (granizo, chuvas intensas, geadas) que podem prejudicar a lavoura. Outro elemento que vem à tona em relação à agricultura são as práticas passadas de geração em geração, de pais para filhos, e com isso também o apego à terra, ao lugar.

Outro comentário feito por alguns deles é a oportunidade de estudar, que alguns tiveram mais outros menos, mas que optaram em voltar para o meio rural, viver em meio à natureza e “lidar com a natureza”. Está intrínseco aí, o respeito ao ambiente, às relações sociedade-natureza. Ainda, vale ressaltar os destaques que eles fazem em relação à diversidade de legumes e verduras que podem ser plantados/colhidos, da terra fértil e do “gosto de trabalhar na terra”.

Por fim, cabe salientar o quanto o trabalho nas fábricas de calçado está presente nos seus discursos, em grande parte, soando como uma válvula de escape, ou de possibilidades frente a momentos de crise na agricultura.

Em relação à “dedicação à agricultura”, todos os agricultores entrevistados responderam que se dedicam à agricultura “desde sempre” e que “cresceram no meio rural”. Novamente, alguns agricultores retomam a experiência de trabalho vivenciada nas empresas/fábricas calçadistas do município, mas ponderam, em geral, foi um breve período de tempo. Esses mesmos agricultores que comentaram sobre a experiência de trabalho nas empresas de calçados, disseram que é bom saber que existe esta possibilidade de trabalho na cidade, mas que eles não se identificaram muito com ela e que preferiram retornar à agricultura.

Em relação as participações sociopolíticas, além da participação na Associação e na Feira, 1 agricultor citou participar grupo de danças da terceira idade, 4 agricultores participam de concelhos na igreja, 2 do sindicato, e apenas 1 agricultor pertence ao conselho de agricultura e meio ambiente.

Ao serem questionados sobre receberem algum tipo de auxílio de alguma entidade, os agricultores citaram a orientação da Emater, mas não como um acompanhamento constante, gostariam de receber um amparo maior.

O Quadro 2 demonstra os principais produtos produzidos e/ou comercializados pelos agricultores da Feira da Agricultura Familiar/ Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS.

Quadro 2 - Principais produtos comercializados pela Feira da Agricultura Familiar de Nova Hartz/RS

| Produções | Nº de agricultores produzindo |
|------------------|--------------------------------------|
| Fruticultura | 7 |
| Panificação | 5 |
| Milho | 4 |
| Queijo | |
| Horticultura | 2 |
| Aipim | |
| Feijão | |
| Mel | |
| Embutidos | 1 |
| Batata | |
| Arroz | |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Da leitura do quadro 2 é possível ressaltar as seguintes informações:

- Todos os agricultores trabalham com Fruticultura. Portanto, a Feira contará com maior oferta destes produtos. Em contrapartida, existe uma diversidade imensa para se trabalhar dentro deste seguimento, sem que haja uma saturação de mercado.

- 5 agricultores trabalham com panificação e 4 agricultores trabalham com milho e queijo, então, se não houver uma variedade de produtos oferecidos dentro deste seguimento, e um revezamento nos dias da semana em que o produto é vendido, pode haver maior oferta do que demanda, ou muita “competição” entre os agricultores.

- A oferta de hortigranjeiros, aipim, feijão, mel, embutidos, batata e arroz pode vir a ser mais baixa que as demais, uma vez que apenas, 3 dos agricultores comercializam este produto.

Vale ressaltar, que os produtos detalhados, representam a maior receita dos agricultores, conforme relatado por eles, mas não são os únicos produtos advindos de suas propriedades, uma vez, que uma das características da agricultura em âmbito familiar é justamente a variedade e diversidade na produção.

Até o momento em que as entrevistas foram realizadas, não havia uma combinação entre o que cada agricultor produziria para vender e nem ao menos uma combinação dos dias em que seriam vendidos. Cada agricultor está presente na feira em média dois dias da semana, e eu considero válido pensar nisso estrategicamente, para não haver, na medida do possível, excesso ou escassez de produtos na Feira.

Em relação a comercialização de panificação, é importante ressaltar que 4 de 5 agricultores, seguem as técnicas, e respeitam o “modo de fazer” de seus pais e avós, a respeito disso, o agricultor 3 respondeu o seguinte:

Eu procuro sempre preservar (as técnicas). Que nem as cucas. Eu podia ter comprado um forno industrial, mas eu fiz um forno à lenha. Pra manter a tradição, do jeito que a mãe fazia às cucas. Eu procuro preservar, então minhas cucas eu faço aí. É mais trabalhoso, mas eu faço da maneira antiga. (Agricultor 3).

Apenas um agricultor citou o turismo como uma das principais fontes de receita de sua propriedade, e até então, é o único que vem desenvolvendo este potencial dentre os entrevistados. Ele oferece café colonial e almoço típico alemão, com direito a visita a trilhas pela mata. Ele comenta que a divulgação é feita mais no “boca a boca”, e em função disso o projeto ainda não teve grande visibilidade. Percebi, que pela falta de público, a oferta deste serviço acaba ficando inviável em determinados

períodos, e o projeto é constantemente pausado por conta disso. Durante a nossa conversa, este agricultor inclusive reclamou do fato de ser o único a explorar o turismo como fonte de renda, e gostaria que outros abraçassem a ideia junto a ele.

A proposta de turismo oferecida por este agricultor é bem completa, pois abrange lazer e alimentação, e acredito que só o que o impede de captar visitantes/consumidores, é a dificuldade na divulgação. O *marketing* bem executado nos dias é hoje, é imprescindível para o sucesso de todo e qualquer empreendimento. Primeiro, porque a informação precisa circular por algum meio para chegar ao público certo, segundo a informação precisa chegar de forma completa, por exemplo: Para o consumidor não basta saber apenas que em determinado lugar é servido café colonial, ele quer saber como chegar até o lugar, o que será servido, se o estabelecimento é de confiança, se as pessoas que conhecem aprovaram e o custo, para fazer a análise de custo/benefício. Além disso, a propaganda precisa causar curiosidade e desejo no consumidor, por isso, a forma de divulgação, a constância e a linguagem utilizada também são muito importantes.

5.2 SUCESSÃO FAMILIAR

As técnicas, práticas e aprendizados passados de geração em geração abrem uma brecha para tocarmos no tema da sucessão familiar, ou seja, dentre os agricultores e suas famílias, quais terão sucessores/as para reproduzir a agricultura familiar? O quadro 3 resume as informações referentes ao número de filhos, permanência na propriedade e trabalho familiar.

Quadro 3 - Número de filhos, permanência na propriedade e trabalho familiar

| Entrevistado/a Agricultor/a | Nº de Filhos | Idade (anos) | Moram na propriedade | Auxiliam na propriedade |
|--------------------------------|-----------------|-----------------|---------------------------------------|--|
| 1 | 4 | 45, 42, 36 e 30 | 3 filhos sim (cada um na sua casa) | Dois filhos sim |
| 2 | 2 | 32 e 30 | Não | Não |
| 3 | 2 | 30 e 16 | Apenas 1 | Em eventos |
| 4 | 2 | 26 e 20 | Sim | Apenas 1 filho |
| 5 | 3 | 36, 35 e 26 | Não | Não |
| 6 | 3 | 26, 24 e 22 | Apenas 1 filho | Ajuda conforme a escala, pois trabalha de bombeiro |
| 7 | 2 | 15 e 24 | Apenas 1 filho | Ajuda um pouco |

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Da leitura do quadro 3 é possível ressaltar as seguintes informações:

- 4 dos agricultores entrevistados tem 2 filhos, 2 entrevistados têm 3 filhos e apenas 1 dos entrevistados tem 4 filhos.

- Dos filhos dos agricultores, 3 filhos têm menos de 20 anos, 9 filhos têm entre 21 a 30 anos, e 6 filhos têm entre 31 a 45 anos.

- De um total de 18 filhos (considerando todas as famílias), apenas 8 permanecem no meio rural, e destes, 6 exercem funções na propriedade rural, mas apenas 3 de forma integral, uma vez que os outros intercalam com escola e trabalho.

- Dos filhos do agricultor 1, apenas 1 filho saiu da propriedade, mas os outros 3 que permanecem, já constituíram família e seguem vivendo na propriedade, mas em suas próprias casas.

Entre as famílias entrevistadas, ficou evidente que o protagonismo na propriedade rural é dos pais e que os filhos pouco participam do cotidiano das atividades rurais, pois ao que se averiguou nas entrevistas, geralmente eles têm empregos na cidade.

Em função da área rural em Nova Hartz estar próxima à área urbana, isso facilita que os filhos sigam morando com os pais e trabalhem no meio urbano.

Esse movimento dos jovens em busca de trabalho na cidade, configuram dois possíveis entraves futuros à dinâmica da propriedade rural: o primeiro, diz respeito à quebra de sucessão familiar e, o segundo, a possibilidade de se concretizar que o jovem saia do campo, completando, a migração campo-cidade.

Em algumas regiões a questão do êxodo rural está muito ligada a busca por estudo no meio urbano, mas não vejo esta como uma realidade de Nova Hartz, pois o filho terá transporte municipal para frequentar a escola até o ensino médio, e em relação ao ensino superior, o município ainda não conta com nenhuma instituição de ensino, então sendo morador do meio rural ou urbano, terá que fazer uso de transporte particular para ir até a instituição de sua escolha fora do município. E com a internet, ainda se têm a opção de ensino a distância. Conviver com estudantes do meio urbano influencia, é claro, mas não é determinante na questão do êxodo. Então acredito que seja uma questão de falta de identificação, com o trabalho que é realizado na propriedade dos pais, e também, o desconhecimento do que poderiam ser as novas possibilidades de permanência. Entender o que ocasiona a permanência dos jovens no meio rural, poderia ser o foco de uma nova pesquisa.

5.3 SENTIMENTO DE PERTENÇA - SIGNIFICADO DE LUGAR

Todo lugar é uma história a ser contada, porque ele é a junção de milhares de histórias e fatos históricos, ao longo do tempo, e tem diferentes representações para cada pessoa que por ali passou ou viveu.

Conforme as autoras Sylvia Cavalcante e Lana Nóbrega (2011), o Lugar é um espaço que identificamos, é onde moramos, trabalhamos, nos divertimos e vivemos. É um espaço no qual estabelecemos parada. Seus limites são definidos. Ele pode ser reconhecido: é referência. É um espaço ao qual se atribui significado e que ganha valor pela vivência e pelos sentimentos. “Lugar é o espaço com o qual se estabelece relação”. (CAVALCANTE e NÓBREGA, 2011, p. 182).

A seguir relatos dos 7 agricultores que expressam a relação que eles têm com o ambiente e o lugar onde vivem.

Manter o que se pode de mata nativa [...], melhorar o saneamento, manear no veneno e descartar as embalagens corretamente. (Agricultor 1).

Eu gosto de cuidar das coisas, gosto de proteger, porque se tu não proteger, se tu não cuidar, tu não vai ter um retorno da natureza pra você. Se tu não proteger uma fonte de água, ela acaba secando né? (Agricultora 2).

Natureza significa bastante coisa né? Tranquilidade. Procuro conservar né, a natureza. Como a gente lida com turismo, recebe gente, então a gente sempre procura mostrar o que tem aí né, e procurar preservar também. (Agricultor 3).

Amo a tranquilidade do meio rural. E não utilizo nada de veneno. (Agricultora 4).

Eu adoro [a natureza]. (Agricultora 5).

Eu gosto de estar ali. Não trocaria, mas às vezes eu vou na minha mãe que mora em Sapiroanga lá, e é bem na beirinha da faixa, e é aquele *vuco-vuco* assim. Um barulhão, um barulhão que chega a [...]. Então eu sempre comento que eu não trocaria mais a minha profissão, e eu gosto de trabalhar ali né? Plantar verdura, produzir, e a natureza [...]. (Agricultora 6).

Precisa preservar [a natureza]. (Agricultor 7).

Ao serem questionados sobre a relação com o ambiente, conforme relatos acima, os agricultores, sempre enfatizaram a questão do cuidado e da preservação da natureza, é algo que de fato está intrínseco em suas atividades do dia a dia, porque eles entenderam que uma boa colheita é resultado de uma terra bem cuidada, mas muito além disso, o que caracteriza aquele lugar como tranquilo é justamente a falta de urbanização a sua volta, e a natureza, que eles tanto enalteceram em seus discursos.

Diante de todas as significações que o “lugar” pode assumir, questionei os agricultores sobre o que representava aquele lugar (a propriedade) para eles? Seguem abaixo alguns excertos extraídos das entrevistas dos agricultores:

A gente tem que valorizar, porque a gente recebeu de herança, pela forma que eles tiveram que trabalhar pra comprar, pra ter uma propriedade, pra conseguir manter uma propriedade. Com uma visão de passar para os filhos, porque os antepassados tinham muito isso, de conseguir e depois passar para os filhos. Conseguir este lugar e conseguir manter. Eu vejo assim: a gente consegue ter uma propriedade rural, perto do centro, fácil de chegar em tudo que é lugar. Consegue manter o rural e ainda perto do urbano, isso é de grande valia! Eu não trocaria, a gente faz de tudo pra conseguir manter e preservar. Conseguir tocar o quanto der e manter isso. Em resposta a isso, que a gente tem todo o acompanhamento de quem veio antes da gente, não só falando pelos meus avós que compraram aqui, mas quem já veio antes deles, porque aqui já vem de terras que eram dos avós da minha avó e depois foi passando, mesmo que eles compravam, mas já vai ficando em família. Eles vieram da Alemanha, se instalaram... E pensar que hoje ainda tem descendentes que conseguem se manter onde eles se instalaram. (Agricultor 1).

O Agricultor 1 já é a sexta geração dos descendentes alemães que se instalaram ali por volta de 1854. Ele inclusive se orgulha de já ter os netos vivendo com ele na propriedade, que seriam até a 8ª geração da família na propriedade. Ele relata que existe na propriedade ainda uma fonte de água que foi instalada pelos primeiros imigrantes alemães.

Embora o Agricultor 1 tenha citado a localização da propriedade como algo valoroso, também sugere que o fato de ser uma propriedade que passou de geração em geração também é um elemento importante e representativo daquele lugar. Para o Entrevistado 1, o sentimento de pertença e amor ao lugar, não é o fato de a terra “ser boa”, cultivável ou ter uma boa localização no município, e sim, o fato de saber que ela foi adquirida com muita dificuldade pelos primeiros imigrantes alemães, que vieram de tão longe para ali recomeçar suas vidas, e que todas as gerações desde então se esforçam para manter o lugar.

A Agricultora 2 comenta: “[...], não quero mais ir embora daqui. Eu nunca morei num lugar que eu gosto tanto como aqui. Eu fiz tanta amizade, eu me sinto bem, então por que eu vou embora? Só sairia se fosse pra morar perto dos filhos.”. Ao analisar este trecho da entrevista 2, o sentimento de pertencimento está atrelado ao modo de vida, à qualidade de vida e as relações de afetividade construídas no lugar. A Agricultora 2 justifica que só pensaria em ir embora da propriedade se “fosse pra morar perto dos

filhos”, ele complementa que os filhos não quiseram seguir na agricultura e foram morar em outros municípios em busca de trabalho.

Para os agricultores entrevistados viver da agricultura, morando em pequenas chácaras ou sítios, é a possibilidade de preservar um modo de vida, que segundo observado por eles, é viver em um lugar calmo, de sossego, com possibilidade de plantar e colher, de comercializar, “de viver do que a terra dá”, de valorizar a natureza, e, sobretudo, lutar para se manter assim.

Ai, significa muita coisa. Assim, desde tu pensar: ah, tu tem pra venda? Não! A gente não venderia. A gente lutou tanto pra... nós morava na cidade e nós sempre sonhava. Nós trabalhava na fábrica e sempre pensava: nós queremos comprar um sítio, comprar uma chácara para trabalhar, então é tudo pra nós lá. (Agricultora 6).

O Agricultor 3 ainda comenta: “significa tudo pra mim né? É a minha vida! Tem a minha vida aqui né? Toda a minha vida [...]”. O Agricultor 7 ainda, fala que é um “lugar de sossego, um bom clima, natureza exuberante ao redor”.

Por fim, podemos afirmar que quando questionados sobre o que aquele lugar (a propriedade), significava para eles, 100% dos agricultores respondeu: “Tudo!”. Este sentimento de valoração do lugar, é explicado por Tuan (1980), com o termo Topofilia, que é um apeço, carinho e pertencimento, como o amor à cidade natal.

E por isso, 100% deles falaram que não sairiam do lugar onde vivem, em função do apego produzido pela propriedade.

5.4 OS PRINCIPAIS ENTRAVES DA AGRICULTURA FAMILIAR

Conforme o relato dos agricultores os maiores entraves no desenvolvimento da atividade agrícola é a falta de auxílio/crédito por parte do poder público, a falta de assistência técnica, oportunidades de comunicação/marketing/divulgação da Associação e de suas atividades (em particular, o turismo), as mudanças climáticas prejudicando a produtividade da produção, e principalmente, a precariedade das estradas e acessos para chegar até suas propriedades.

Eles se referiram também às dificuldades de manter vínculos mais duradouros com a vizinhança. Afirmaram que os vizinhos ajudam, se pedir, mas não costumam se ajudar devido à distância e ao pequeno número de agricultores que estão vivendo no lugar. Na área rural do município existem mais propriedades destinadas ao lazer ou “de

veraneio”, ocupadas mais aos finais de semana ou em período de férias do que, propriamente, propriedades que desenvolvem agricultura.

Hoje eu vejo que os produtores, mais afastados, não sei se só de dentro de Nova Hartz porque as propriedades são mais afastadas uma das outras, e os núcleos não são mais em um lugar só. Cada um compra uma propriedade lá, onde em volta já não tem mais produtores. [...] quem é produtor, quem é agricultor, quem vive da terra, e quem tem uma chacinha e planta e até vende, mas não depende daquilo ali. [...] essa é uma diferença que muitos não fazem e dentro da nossa associação eu vejo, porque hoje em dia, eu posso ter uma propriedade, posso ter bloco de produtor desde que eu tenha uma terra, tenha um contrato de arrendamento, uma escritura, mas isso não quer dizer que o meu sustento saia daquela terra ali. Essas que são as diferenças. E isso que eu acho que hoje em dia faz um pouco com que os produtores acabem não sendo tão unidos. Isso é uma coisa que eu vejo. Pela associação que a gente tem, a associação tinha eu estar melhor fomentada, e ela não está. Os produtores trabalhem juntos para conseguirem as coisas para si e isso não acontece, por quê? Porque um quer assim, o outro quer assado, não pensam num coletivo. Um exemplo é a nossa feira lá do centro, chega a ser feio dizer, mas tem “disputa de beleza”, se eu vendo um pé de alface mais que o meu colega. E isso não pode acontecer de forma nenhuma, em hipótese nenhuma na minha visão. (Filha do Agricultor 1).

O Agricultor 1 comenta que poderia haver mais “amparo dos órgãos públicos”, que existe muita burocracia para acessar as políticas públicas e que se deveria “fomentar mais o turismo rural no município”, por meio de “divulgações” - “Divulgar na página de Nova Hartz sobre a parte de turismo para as pessoas encontrarem”.

O turismo, além de movimentar a economia, pode vir a auxiliar a manutenção e valorização das referências culturais de uma localidade. No caso de Nova Hartz, o turismo rural viria a auxiliar na preservação, na visibilidade e na valorização do patrimônio cultural.

Durante um certo período, por volta do ano de 2008, durante a antiga festa anual do município, a “*Kolonie Hartz Fest*”, a prefeitura organizava o Roteiro Cultural Roda D’água onde os visitantes eram guiados a partir dos pavilhões da prefeitura (onde a festa era realizada), passavam pelo Museu histórico, conheciam algumas propriedades de características enxaimel nos bairros Canudos e Arroio da Bica, visitavam a padaria Sabor da Bica (construção enxaimel restaurada localizada no bairro Arroio da Bica) e então visitavam duas atafonas ainda presentes no bairro Arroio da Bica, onde eram feitas demonstrações de como a farinha era produzida antigamente. Este mesmo roteiro era feito com os estudantes do município, a fim de incentivar a valorização cultural e da história do município. Cabe salientar o quanto o “Roteiro Cultural Roda D’água” exercia importância histórica e de preservação cultural de Nova Hartz e que, poderia ser incentivado a retornar.

A grande maioria dos agricultores afirmou ter dificuldades em relação à “divulgação” da comercialização dos produtos. “Plantar é fácil, a colheita também não é difícil, agora quando realmente ela estoura, se a oferta é boa e não há consumidor, esse é o grande inimigo, né?! Por isso muitas vezes [eles] se abatem, desanimam” (Agricultor 1).

A visão em relação à comercialização de produtos ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) não é positiva, pois a maioria dos agricultores comunga da mesma perspectiva do Agricultor 1: “Querem produto sem veneno, mas se o tomate chegar com uma marquinha na escola, a merendeira quer devolver. Querem escolher até o tamanho da beterraba?!”.

Considerando as forças e fraquezas apresentadas neste trabalho, afirmo que para (re)existir e resistir no meio rural, enquanto agricultor familiar em Nova Hartz, estes são os principais fatores: 1) o apego e o sentimento de pertença ao lugar; 2) a identificação com a profissão de agricultor/a familiar; 3) tradição e motivação geracional; 4) a capacidade de se organizar; 5) as aprendizagens que emanam das relações com a terra; 6) a escolha de seguir nesse lugar; 7) as críticas ao des/envolvimento; 8) a vida cotidiana, apesar da não sucessão quando os filhos escolhem partir; 9) a realização da feira; 10) a renda.

6. ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre que se fala em desenvolvimento, se pensa em grandes empresas e nos empregos que elas irão gerar, essa é quase que uma correlação no imaginário de muitas pessoas, mas a verdade é que grandes empresas, enriquecem seus donos, não seus trabalhadores. Nada contra a industrialização, mas é preciso reconhecer que os pequenos movimentos é que, de fato, geram qualidade de vida. É a força do empreendedorismo, da inovação e a articulação em pequenas redes que irão desenvolver um local.

Algo muito citado neste trabalho, é que o laço que um agricultor constrói com o lugar onde vive é muito forte. E de todas as perguntas que eu fazia a cada entrevistado, perguntar sobre o que aquele lugar (a propriedade) significava para ele, era uma das perguntas que mais me deixava ansiosa pela resposta, pois eles ficavam tentando encontrar a resposta certa em seus pensamentos, e, por fim, acabavam respondendo: Tudo! Não havia outra definição que não fosse: “Tudo!”. Pois eles cuidam, protegem e tiram da terra o seu sustento, e mesmo nos dias mais exaustivos, têm o acalento da natureza que os cerca.

Percebi que muitos dos entrevistados, ao pensarem no motivo de terem continuado no meio rural, me responderam que não tinham estudo, logo, pode-se entender, que se seus filhos tiverem estudo, não há por que continuarem no meio rural, e esta não pode ser uma prerrogativa. Os filhos dos agricultores, podem lidar na terra, bem como podem administrar, investir no turismo ecológico e rural, fazer o *marketing* dos produtos da Feira, investir na panificação, entre outros. Há muito a ser feito, e para o fazer com excelência, há muito a ser estudado para esta área também.

Mas, o fato é, que quando eu perguntava aos agricultores o porquê de terem escolhido esta profissão, isso causava um certo estranhamento, como se eles nunca tivessem pensando neste motivo. E, em um primeiro momento, respondiam como se essa fosse uma consequência de suas questões financeiras ou familiares, e não uma escolha, mas independentemente destas prerrogativas, foi uma escolha, e quando eles se davam conta disso, a resposta engatilhava: “porque eu gosto do que eu faço e eu não me vejo fazendo outra coisa”. É essa questão identitária, em conjunto com o sentimento de pertença, que vai diferenciar esta profissão de qualquer outra.

Nas entrevistas, em relação à Feira dos Agricultores Familiares, eles mencionaram a ausência de demanda do próprio consumidor, o que nos sugere o quanto seria interessante fazer um estudo mais aprofundado sobre “Qual é o público alvo dessa Feira?”, ou ainda, identificar “Quem são os consumidores hoje?”, com o propósito de pensar estratégias de como aumentar as vendas, por exemplo.

Já, para atingir um público mais jovem, seria importante trabalhar com *slogans*, como “Feito com amor”, “Da minha família para sua família”, sugestões que criem conexão, e estampar esta frase nas sacolinhas e etiquetas. Ter este cuidado na apresentação do produto, torna pessoal, fideliza, é “publicável” nas redes sociais e chama novos clientes.

Em relação ao que eu chamo de ‘publicável’, gostaria de citar o exemplo de uma vinícola que conheci, onde eles criaram todo um ambiente para receber seus visitantes, e a mesma estratégia pode ser usada na apresentação de um produto. O espaço da vinícola continha balanços com finalidade para fotos, um *deck* com almofadas e o nome da vinícola estampado nelas. Grande parte dos consumidores que passarem por lá, irão tirar fotos e postar em suas redes sociais, atraindo a sua rede de amigos para a vinícola, mas também, propagando o nome da marca. É uma divulgação “gratuita”. E quando a apresentação do produto é melhorada, têm-se este mesmo efeito, pois há uma tendência muito atual de os consumidores compartilharem em suas redes sociais.

Além disso, algo que interfere são os tamanhos dos produtos, se um rocambole tem cerca de 30 cm, ele vai ser comprado para o consumo da família, mas se for vendido em pequenas porções e/ou em potinhos com uma bela etiqueta, ele está mais apto a ser comprado pelo público jovem, e divulgado nas redes sociais. Com a venda de pães e cucas, a mesma questão, talvez fosse interessante investir em tamanhos menores para chegar a famílias menores. Algo que também interfere no hábito dos consumidores visitarem a feira, é a diversidade de produtos, porque indo ao mercado, a fruteira ou a padaria, têm-se uma diversidade muito grande, então, hipoteticamente, se na segunda-feira o consumidor vai até a feira e só tem pão e tomate, dificilmente ele irá nos demais dias da semana para verificar o que está sendo vendido, porque a necessidade já passou, o desejo de compra, já passou. Haver articulação entre os agricultores para definir o que será produzido e quanto será produzido, é essencial para a saúde da feira, pois havendo variedade, haverá maior circulação de consumidores.

Em relação ao turismo, podemos citar um exemplo da serra Gaúcha, os turistas de todo o Brasil, valorizam o passeio de Maria Fumaça, em Bento Gonçalves, não pelo simples fato de andar de trem, pois isso poderiam fazer em qualquer lugar, mas pela experiência de utilizar um meio de transporte histórico, com atrações, uma bela vista, e a degustação de vinhos locais. Em Nova Hartz, poderia ser organizada uma rota, onde se conheceria as atafonas e todo o processo de produção de farinha seria explicado e visualizado, com visitação às trilhas e cascatas, gastronomia por meio dos cafés coloniais, almoços típicos e piqueniques em meio à natureza. Mesmo que alguns agricultores não queiram se envolver no turismo diretamente, podem comercializar seus produtos coloniais. Mas precisa haver articulação, programação e divulgação.

Seria importante também, ter uma plataforma de divulgação ativa, onde os agricultores, seus produtos, propriedades e modos de fazer fossem apresentados, a fim de gerar aproximação com os moradores locais, mas também facilitar, para que pessoas dos municípios aos arredores, tivessem o interesse de conhecer.

E ressalto ser necessário mirar o olhar no turismo rural e ecológico como estratégia de permanência dos agricultores no meio rural, e desenvolver esse local, isso pode mudar o modo como toda a população enxerga o lugar. Quando alguém de fora valoriza o lugar, a população percebe o quanto é privilegiada por viver ali. Ter carinho pelo lugar onde se vive, é o primeiro passo, para aprender a cuidar, preservar, investir e desenvolver. A fim de desenvolver o turismo, pude notar duas recentes movimentações por parte do poder público local, que pode vir a impactar diretamente para os agricultores: Pavimentação de parte da rua Amazonas, caminho para muitas propriedades, inclusive do agricultor 3, que já trabalha com turismo; e Reforma da Casa da Cascata localizada no Parque Municipal da Cascata no bairro Canudos que terá como finalidade explorar o potencial turístico e pode vir a envolver a Associação de Produtores Rurais, ainda não há definição concreta quanto a isso, mas com certeza é um grande avanço.

As alternativas apontadas por mim nestas considerações finais, em relação as vendas, são subjetivas, são análise de uma quase-administradora, que nestes 7 anos de curso na UERGS, aprendeu que quando um empreendimento é bem administrado, além de lucro, gera qualidade de vida, prazer, desenvolvimento local e protege aquilo que há de mais precioso, a natureza e as pessoas. Para se ter um diagnóstico mais preciso e que,

de fato, atendesse a necessidade dos agricultores, seria necessária uma pesquisa direcionada a levantar alternativas que pudessem lhes trazer melhorias.

Por fim, gostaria de finalizar este trabalho de curso, discorrendo sobre seu título: “A agricultura familiar como modo de (re)existir em Nova Hartz/RS”, pois afirmo, a partir da pesquisa realizada até aqui que ela segue existindo, reexistindo e resistindo ao longo dos anos, dos tempos, e pessoalmente, espero que siga se reinventando.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial**. Passo Fundo: IFIBE, 1998. Disponível em: <http://www.ifibe.edu.br/arq/201508131525281087273037.pdf>. Acesso em: 29 Nov. 2019.
- ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007. p. 1-23. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf> . Acesso em: 20 Mai. 2022.
- BRASIL. **Lei 11.326/2006 - Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Governo Federal. 2006.
- BARBOSA; Letícia. **Topofilia, Memória e Identidade na Vila do IAPI em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFile/22114/12876>. Acesso em: 29 Nov. 2019.
- BARROSO, Véra L. M. **O município onde vivo: Por que é importante conhecê-lo?**. Porto Alegre. FUHR; PRIAMO; BARROSO. Raízes de Nova Hartz. Volume 2. Novo Hamburgo: Um cultural, 2012, p. 24-27
- BENDER, Simone M. **Capital Social e Desenvolvimento em São Leopoldo**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/694/1/SimoneManfredini.pdf>. Acesso em: 29 Nov. 2019.
- BITTENCOURT, D. M. de C. **Agricultura familiar, desafios e oportunidades rumo à inovação. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia**. 23 janeiro de 2018. Agricultura Familiar. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31505030/artigo---agricultura-familiar-desafios-e-oportunidades-rumo-a-inovacao>; Acesso em: 12 Mai. 2022.
- BOESSIO, Amábile T.; DOULA, Sheila M. **Sucessão Familiar e Cooperativismo Agropecuário: Perspectivas de Famílias Cooperadas em um Estudo de Caso no Triângulo Mineiro. Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 40, p. 433-458, 2017.
- BRIZZOLLA, MMB; CHAPOVAL NETO, A.; KRAWSZUK, GL.; BERLEZI, M. **A percepção de gestores de propriedades rurais e o processo sucessório familiar. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.] , v. 9, n. 11, pág. e2419119862, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9862. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9862>. Acesso em: 12 Mai. 2022.
- CALLAI; Helena C. **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial**. Ijuí: UNIJUI, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso em: 29 Nov. 2019.

CARVALHO, Isabel C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Editora Cortez, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4655.pdf>. Acesso em: 20 Nov. 2021.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana M. A. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 14.

FERREIRA, Luiz F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, UFRJ, ano V, n. 9, p. 65/83, jul./dez. 2000.

FRASER; GONDIM. **De fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paideia, 2004. Disponível: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13920/13920_4.PDF. Acesso em: 23 Nov. 2021.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, Rodolfo. A agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil? **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, 21(1):417-421, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/1386/1376>. Acesso em: 24 Jun. 2022.

KISCHENER, Manoel A.; KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel A. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. **Mundo agrário**, 2015.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 8. ed. São Paulo: EPU, 2004. cap. 3, p. 25-44.

MOURÃO, Ada R. T.; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia, ELALI, Gleice A. (Orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 17.

OLIVEIRA, Kátia F. de. Atafona e Moinho Henkel. Nova Hartz. RS - Estudo Sobre o Patrimônio Material e Imaterial. Dissertação. Pelotas: UFPEL, 2009. Disponível em: http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/123456789/1062/1/Katia_Ferreira_Oliveira_Dissertacao.pdf. Acesso em: 29 Nov. 2019.

PAIM, Ana Verena Freitas. A re-existência enquanto ato de currículo no contexto da formação de professores. In: MACEDO, R.S; PIMENTEL, A; REIS, L.R.D; AZEVEDO, O.B. **Currículo e processos formativos: Experiências, Saberes e Culturas**. Salvador, EDUFBA, 2012. p.61-75.

PRIAMO, Vania I. A. Entre a História e o Turismo - As Cidades e seu Patrimônio Cultural (Nova Hartz/RS). São Leopoldo: UNISINOS, 2013. Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3351/Vania+In%EA+s+Avila+Priamo.pdf;jsessionid=699F8C3D3EE27A6F75E49DA5372371A4?sequence=1>. Acesso em: 29 Nov. 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo; Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHLOSSER, Marli Teresinha S. Modernização e agroecologia: correlação e (re)existência camponesa no oeste paranaense e agreste pernambucano (1990-2009). **Revista Formação**, n.17, volume 1 – p.107-118. 2011.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2003, vol.18, n.51, pp.99-122. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>. Acesso em: 28 Nov. 2021.

SPINK, Mary J. P.; FREZZA, Rose M. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: A perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro, edição virtual, 2013. Disponível em:

<http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK_Praticas_discursivas_e_producao_FINAL_CAPA_NOVAc.pdf>. Acesso em: 15 Nov. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar- A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXib2RIZ2FkYWdlb2dyYWZpYXxneDo2OTRmOTBmZTBhNjFjZjE5>. Acesso em: 28 Nov. 2021.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S. OLSSON, G. (Orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427. (Publicado originalmente em: Progress in Geography, (6), pp. 211-252, 1974). Disponível em: https://www.natcom.org/sites/default/files/publications/Tuan_1979_space-place.pdf;

WEISSHEIMER, Cristine. **A Degradação Ambiental no Arroio Grande, Nova Hartz, RS**. 2007. 170f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13695/000641429.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 Nov. 2019.

ZIMMERMANN, Angelita. **“A gente tem muito pra contar!”** O território epistemológico camponês por egressos de casas familiares rurais do Brasil e de Portugal. 2019. 381f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. Centro de Ciências Naturais e Exatas. Universidade de Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19473/TES_PPGGEOGRAFIA_2019_ZIMMERMANN_ANGELITA.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 29 Nov. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Idade:

Sexo:

Etnia:

Escolaridade:

Localidade:

1. Grupo Familiar (nº de membros contando com o entrevistado/a):
2. Nº de filhos e respectivas idades:
3. Quantos filhos moram na propriedade e quais suas ocupações:
4. Algum filho saiu da propriedade, porquê? Qual sua ocupação agora?
5. Há quanto tempo vive aqui?
6. Desde quando se dedica à agricultura? Já teve outra profissão?
7. Principais atividades agropecuárias (em ordem de importância econômica):
8. Qual a relação com a natureza/meio ambiente?
9. Qual o tipo de manejo utilizado?
10. Possui algum selo ou certificação?
11. Há alguma prática que tenha passado entre gerações?
12. As terras onde produz são próprias?
13. O que este lugar significa para você?
14. Tem alguma pretensão de se mudar? Já teve? Por quê?
15. Tem alguma participação política (sindicato rural, associação, cooperativa, conselhos, igreja, etc.?)
16. Como é o convívio entre os membros da comunidade? Os vizinhos costumam se ajudar?
17. Onde comercializa seus produtos e para quem?
18. Acessa políticas públicas?
19. Recebe algum tipo de auxílio por parte da prefeitura (através da Emater, sindicatos, outros)?
20. Já pensou em abrir uma agroindústria?
21. Quais as principais dificuldades que enfrenta no meio rural?
22. O que facilitaria o dia a dia do agricultor?
23. Qual é sua concepção de agricultor [o que é ser agricultor?]
24. Por que trabalhar na agricultura? Por que trabalhar com agricultura em Nova Hartz?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do trabalho de conclusão do curso intitulado “A agricultura familiar como modo de (re)existir em Nova Hartz/RS”. A pesquisadora responsável por essa pesquisa é Maria Luísa Pereira Lopes, que pode ser contatada no telefone (51) 999261186, endereço Rua Amazonas, 1803 – Arroio da Bica, Nova Hartz/RS e e-mail: lslopes13@gmail.com

Será realizada entrevista tendo como **objetivo** geral subsidiar o trabalho de conclusão de curso “A agricultura familiar como modo de (re)existir em Nova Hartz/RS”, descrevendo e analisando as percepções dos agricultores familiares participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS em relação aos seus modos de vida, trabalho, sucessão familiar e lugar e os fatores que influenciam a permanência no meio rural, e como objetivos específicos: a) Descrever as etapas históricas em relação à produção agrícola no município de Nova Hartz/RS; b) Identificar o número e o perfil das famílias de agricultores participantes da Feira do Agricultor Familiar da Associação de Produtores Rurais de Nova Hartz/RS; c) Identificar e analisar as dimensões dos modos de vida, do pertencimento ao lugar, sucessão familiar, trabalho e lugar; d) Problematizar o fenômeno sociopolítico de permanência dos agricultores familiares em um contexto de industrialização. Poderão ser previamente agendados a data e horário para perguntas, utilizando entrevista / equipamento (gravador/câmera fotográfica) / questionário. Esses **procedimentos** ocorrerão preferencialmente na propriedade do/a agricultor/a. Não é obrigatório responder a todas as perguntas da entrevista.

Os **riscos** destes procedimentos serão mínimos e podem dizer respeito a um desconforto ou constrangimento dos entrevistados/as, em função de opiniões divergentes dos demais entrevistados/as ou ainda risco de o tempo da entrevista exceder os 50 minutos. Prevendo tais desconfortos, não serão identificados os nomes dos participantes, os dados coletados serão mantidos em total sigilo por parte das pesquisadoras responsáveis e o tempo de entrevista será rigorosamente levado em consideração.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão o estudante responsável pelo TCC e a professora orientadora Patrícia Binkowski.

Você/Sr./Sra. poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo despesa e constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para usar as informações repassadas por você na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome. Caso haja necessidade de divulgação de imagem, o participante deve rubricar dentro do parêntese a seguir a opção que melhor lhe representa (o participante tem plena liberdade para não aceitar):

() Permito a minha identificação e uso de imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a minha identificação e uso de imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Todos os registros da pesquisa estarão sob a guarda da pesquisadora, em lugar seguro de violação, pelo período mínimo de 05 (cinco) anos.

Este termo de consentimento livre e esclarecido possui 2 páginas e é feito em 02 (duas) vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com as pesquisadoras deste estudo: lslopes13@gmail.com e patricia-binkowski@uegs.edu.br

Nome do participante: _____

Assinatura participante da pesquisa: _____

Assinatura graduanda: _____

Assinatura orientadora: _____